

EVANGELHO SEGUNDO S. JOÃO

AD EXPERIMENTUM

Texto provisório,
destinado à recolha de contributos dos leitores,
no sentido de aperfeiçoar a sua compreensibilidade.
Os comentários devem ser enviados para o endereço eletrónico:
biblia.cep@gmail.com

Versão de 1 de outubro de 2024. Revista face à edição impressa.

INTRODUÇÃO

Destinatários e finalidade

Os livros do NT foram escritos de acordo com as necessidades concretas da comunidade a que se destinavam. A finalidade do Quarto Evangelho é expressa na sua primeira conclusão: *Muitos outros sinais realizou Jesus diante dos seus discípulos, que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para que acrediteis que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, acreditando, tenhais a vida no seu nome* (Jo 20,30s). Dirige-se, portanto, a cristãos com uma cristologia deficitária, cujos efeitos têm consequências na unidade da comunidade. Daí a exortação a *permanecer* em Jesus (ou seja, na cristologia tal como foi testemunhada e transmitida pelo Discípulo Amado: 8,31.39; 14,21.23s; 15,4-10) e no amor mútuo (13,34s; 15,12.17). Assim, o autor pretende não apenas lembrar a vida e o ministério de Jesus, já conhecidos, mas também iluminar a situação vital da comunidade, convidando-a a fortalecer a fé em Jesus, tal como a recebeu.

Trata-se de uma comunidade complexa, com problemas internos e externos. A nível externo: a expulsão de membros seus das sinagogas judaicas, resultante de conflitos locais com o judaísmo farisaico, dominante depois da destruição de Jerusalém no ano 70 (situação a que parece fazer referência a expressão *expulso da sinagoga* de 9,22; 12,42; 16,2). A nível interno: a constituição da comunidade por cristãos provenientes do mundo cultural judaico e helenista (7,35; 12,20s), duas culturas com efeitos na forma como compreendiam a pessoa e a mensagem de Jesus. Entre os de origem judaica, havia quem tivesse dificuldade em aceitar a pré-existência de Jesus e o discurso eucarístico (6,60-71; 8,31-59) e outros que, por medo, não testemunhavam a fé (os chamados cripto-cristãos: 12,42). Entre os de cultura grega, a influência de filosofias helenistas levava a que se acentuasse de tal forma a divindade de Jesus que a sua natureza humana ficava diluída. A uns e outros o evangelista recorda que é necessário receber Jesus *inteiro* (cf. 19,23.33.36), na sua condição humana e divina, como Messias e Filho de Deus (20,30s); só assim se poderá manter a unidade da comunidade, condição para se poder receber os dons salvíficos (o Espírito Santo, a vida divina, que, no Quarto Evangelho, corresponde à salvação).

O Quarto Evangelho regista uma alta cristologia, que apresenta Jesus não apenas como o Cristo no qual se cumprem as Escrituras, mas também e sobretudo como o Filho de Deus, que redimensiona todas as expectativas veterotestamentárias, assim como o tempo e os espaços sacros de Israel, o que é perceptível na própria estrutura do livro que apresentamos. Neste âmbito, este evangelho oferece-nos, ainda, o princípio de uma reflexão sobre o Espírito Santo e o seu papel na vida da Igreja.

Autor

Segundo 21,24, o autor é o Discípulo Amado (cf. 21,20), ou seja, aquele que está na origem da tradição presente na obra (não necessariamente o escritor). De modo explícito, fala-se dele pela primeira vez em 13,23, como o discípulo que *estava reclinado no seio/peito de Jesus* (cf. 21,20). A afirmação utiliza a mesma expressão de 1,18, mas aqui refere-se à relação única de Jesus com o Pai, criando um paralelismo claro: tal como Jesus revela o Pai, assim o Discípulo Amado revela Jesus, garantindo a verdade da mensagem teológica do seu evangelho. Esta garantia está fundamentada não só no seu testemunho ocular, como também na sua fidelidade. De facto, é o discípulo que se mantém fiel até ao fim, estando presente junto à cruz com a Mãe de Jesus e, com ela, constituindo a nova comunidade (19,25-27); é o primeiro a acreditar na ressurreição de Jesus (20,8), independentemente do testemunho da Escritura (20,9); é quem reconhece o Ressuscitado nas margens do lago de Tiberíades (21,7); provavelmente é a ele a referência em 18,15s e 19,35, bem como em 1,40, onde, dos dois discípulos de João Batista, só André é identificado, o que conduz o leitor à intuição de que o outro seja o Discípulo Amado.

Em suma, o Discípulo Amado terá sido alguém com as seguintes características: aparece sempre ligado a Pedro; acompanhou Jesus desde o início da vida pública, o que constitui, para a comunidade primitiva, um critério importantíssimo no testemunho acerca de Jesus (At 1,21s; 1Jo 1,1ss); foi sempre fiel, mesmo na paixão, assistindo a tudo o que se passou e garantindo, assim, a verdade do que transmite; é o revelador do verdadeiro mistério de Jesus, tal como Este o é do Pai; é modelo de discípulo para todos os membros da comunidade; o seu testemunho, guardado no evangelho, garante a fidelidade à verdade integral sobre Jesus.

Segundo uma antiga tradição, que remonta a S. Ireneu, este discípulo, que está na origem da tradição do Quarto Evangelho, seria João, filho de Zebedeu. E, por isso, o livro cedo passou a ser conhecido pelo seu nome: *Evangelho segundo S. João*.

Estrutura e conteúdo

Há várias notas no evangelho que permitem perceber duas grandes partes (1,19-12,50 e 13,1-20,29), precedidas de um prólogo hínico (1,1-18) e seguidas de uma primeira conclusão (20,30s) e de um epílogo (cap. 21,1-23) que inclui uma segunda conclusão (21,24s). A primeira parte abre com uma semana inaugural, que serve de prólogo narrativo, na medida em que apresenta a pessoa e a missão de Jesus (1,19-51; 2,1-12).

Na primeira conclusão, faz-se referência à importância dos *sinais* e da sua relação com a fé em Jesus (20,30). Ora, a palavra *sinal* aparece dezassete vezes, todas na primeira parte (com exceção da conclusão), e a sua relação com a fé dos discípulos em Jesus é assinalada logo em 2,11.23. Daí que se atribua à primeira parte o título de *Livro dos Sinais*. Nela é também anunciada a *hora* de Jesus, a hora da sua glorificação (2,4; 7,30; 8,20), e, a terminar, afirma-se que finalmente essa *hora chegou* (12,23.27),

expressão que se repete no início da segunda parte e em que se revela tratar-se da *hora de passar deste mundo para o Pai* (13,1). Por isso, podemos intitular esta segunda parte (13-20) como *A hora da peregrinação gloriosa para o Pai*.

Esta divisão em dois blocos percebe-se ainda pelos *destinatários* dos discursos de Jesus: até final do cap. 12 o Senhor dirige-se ao mundo, aos judeus e à multidão; nos caps. 13-16 e 20-21 fala aos seus discípulos (e no cap. 17 fala dos discípulos ao Pai).

A *transição* entre as duas partes é feita em 11,1-12,50: o *Livro dos Sinais* termina com um balanço da vida pública de Jesus (12,37-43[44-50]), mas, ao mesmo tempo, abre o pórtico da segunda parte, com a peregrinação de Jesus para a celebração da Páscoa derradeira (que se prolonga até 19,42), viagem antecipada pela morte de Lázaro (11,1), tal como a sua ressurreição antecipa e ilumina a morte e ressurreição de Jesus.

O andamento da obra está pontuado pelas *quatro viagens de Jesus a Jerusalém* por ocasião das *festas judaicas*: em 2,13, para a primeira Páscoa; em 5,1, para a festa não identificada (provavelmente o Pentecostes, embora a questão introduzida seja a da festa semanal: o sábado); em 7,2, para os Tabernáculos e para a Dedicção/Consagração do Templo (nesta última Jesus já se encontra em Jerusalém: 10,22); em 11,1ss, para a terceira Páscoa (viagem antecipada pela morte de Lázaro), festa novamente recordada em 11,55; 12,1 (onde começa uma cronologia: *seis dias antes da Páscoa*) e 13,1 (que inicia a segunda parte e cuja afirmação serve de enquadramento à *viagem* derradeira: *a hora de passar deste mundo para o Pai*). A segunda Páscoa (6,4) interrompe este esquema, visto que Jesus não se dirige a Jerusalém, mas profere o chamado discurso do *pão da vida*, anunciando que a sua carne e o seu sangue serão oferecidos como verdadeiras comida e bebida, apresentando desta forma a chave hermenêutica em que a última Páscoa deve ser entendida. Esta ideia é reforçada pelo tema da realeza, que, rejeitada por Jesus depois da multiplicação dos pães (6,15), é solenemente afirmada na última Páscoa (18,37; 19,2-3.15.20-22).

Embora a Páscoa derradeira seja particularmente preparada e tudo pareça tender para ela, nada acontece nesse dia (Jesus está no sepulcro). A ênfase é colocada *no primeiro dia da semana*, que marca o ritmo narrativo de todo o cap. 20: a expressão enquadra a descoberta do sepulcro vazio, a aparição a Maria Madalena (20,1-10.11-18) e a aparição aos discípulos (20,19-23), que se repete oito dias depois, isto é, em cada domingo (20,24-29). Deste modo, o evangelista, depois de ter preparado o leitor para a festa da antiga Páscoa, acaba por lhe apresentar, com a sua típica ironia narrativa, uma *festa* completamente nova: a da presença do Ressuscitado na comunidade dos seus discípulos *no primeiro dia da semana*, que, por isso, cedo passará a chamar-se *dia do Senhor* (Ap 1,10). Com a ressurreição de Jesus, o tempo entra na dimensão escatológica da nova criação.

Em 21,1ss acontece uma terceira e última aparição de Jesus aos discípulos. Depois da conclusão em 20,30s, trata-se de uma espécie de *epílogo*, sobre a presença do Ressuscitado na vida e missão da sua Igreja, um epílogo provavelmente acrescentado

numa fase posterior da composição do evangelho, mas presente em todos os textos que chegaram até nós.

Assim, o *Evangelho segundo S. João* pode estruturar-se da seguinte forma:

Prólogo hínico (1,1-18)

Livro dos Sinais (1,19-12,50)

- I. Prólogo narrativo: a semana inaugural
Apresentação da pessoa e da missão de Jesus (1,19-2,12)
 - II. Peregrinação para a primeira Páscoa (2,13-4,54)
 - III. Peregrinação para uma festa
O sábado, a festa semanal (5,1-47)
 - IV. A «não peregrinação» para a segunda Páscoa: o Pão da Vida (6,1-71)
 - V. Peregrinação para a Festa das Tendas
e Festa da Dedicção do Templo (7,1-10,42)
– Festa das Tendas (7,1-10,21)
– Festa da Dedicção do Templo (10,22-42)
 - VI. Peregrinação para a terceira e derradeira Páscoa (11,1-12,50)
Secção de transição: a antecipação pela morte de Lázaro (11,1-12,36)
- Conclusão do Livro dos Sinais: a incredulidade dos judeus (12,37-43.44-50)

Livro da hora da peregrinação gloriosa para o Pai (13,1-20,29)

Jesus e os discípulos: a última ceia (13-14; 15-17)

Paixão, morte e ressurreição (18,1-20,18)

Jesus e os discípulos: a comunidade dominical (20,19-29)

Conclusão (20,30s)

Epílogo: a presença do Ressuscitado na vida e missão da Igreja (21,1-23)

Segunda conclusão (21,24s)

PRÓLOGO HÍNICO^a: A PEREGRINAÇÃO DA PALAVRA AO MUNDO DOS HOMENS (1,1-18)

1¹No princípio era a Palavra^b e a Palavra estava junto de Deus e a Palavra era Deus.
2²Ela estava, no princípio, junto de Deus. **3**³Tudo surgiu por meio dela, e sem ela não surgiu nem uma só coisa daquilo que existe^c. **4**⁴Nela estava a vida, e a vida era a luz dos homens^d. **5**⁵A luz brilha nas trevas, e as trevas não se apoderaram dela^e.

6⁶Surgiu um homem, enviado por Deus^f: o seu nome era João. **7**⁷Ele veio como testemunha^g: para dar testemunho da luz, a fim de que todos, por meio dele, acreditassem. **8**⁸Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz.

9⁹A Palavra era a luz verdadeira^h que, ao vir ao mundo, ilumina todo o homemⁱ.

10¹⁰Estava no mundo e o mundo surgiu por meio dela^j; mas o mundo^k não a conheceu.

^a Na origem, este texto era provavelmente um hino litúrgico da comunidade sobre Jesus (1,1-5.9-14.16-18), no qual o evangelista inseriu o que se refere a João Batista (1,6-8.15). Está dividido em duas partes, estruturadas de modo idêntico: 1) 1,1-13 (formulada na 3ª pessoa do singular e do plural): proclamação da dimensão universal e histórico-salvífica da Palavra; 2) 1,14-18 (formulada na 1ª pessoa do plural, no v.14): confissão de fé da comunidade crente na Palavra encarnada. Nele são introduzidos os grandes temas, posteriormente desenvolvidos: Jesus é divino e pré-existente e, em determinado momento da história, fez-se homem (é Deus e homem), para tornar a pessoa humana participante da sua luz e vida divina. Embora rejeitado pelos seus, as trevas não o venceram e, por isso, a luz continua a brilhar nas trevas, possibilitando à criatura (primeira criação) tornar-se filho (segunda criação). A primeira criação aconteceu por meio de Jesus; assim também a segunda. O leitor é posto de sobreaviso: não acolher Jesus, na totalidade do seu mistério, significa não acolher Deus, pois Ele é o único revelador do Pai e o único por meio do qual se pode receber a *graça verdadeira* (sentido da *hendíade graça e verdade*: v.14): o dom da vida eterna.

^b *Palavra* corresponde ao termo grego *lógos* (traduzido por *verbum* na Vg), que tem um amplo conteúdo semântico: linguagem, narrativa, discurso, explicação, argumento, regra, razão, lógica, etc.. Identifica-se com Jesus, enquanto revelador único do Pai. Por isso se sublinha a sua pré-existência e natureza divina: não só já existia *no princípio* (expressão que remete para Gn 1,1), como foi por meio dele, Palavra divina, que Deus tudo criou (*E Deus disse...: Gn 1,3.6.9ss*).

^c A expressão *do que existe* pode, gramaticalmente, ser interpretada de duas maneiras: ligar-se à frase anterior (como nesta tradução e de acordo com a opção da NVg, interpretando o grego como um semitismo, tão característico deste evangelho) ou ligar-se às palavras iniciais do v.4 (como um nominativo *pendens*: *O que existe, nisso estava a vida*).

^d Cf. 3,15; 5,26; 6,57; 11,25; 14,6.

^e O presente *brilha* sublinha que a luz continua a brilhar: as trevas não conseguiram *apoderar-se dela*. Outros traduzem *não a receberam* ou *não a compreenderam*.

^f Sobre a origem e o lugar dos vv.6-8.15, cf. nota introdutória do Prólogo.

^g Lit.: *para testemunho*.

^h *A Palavra* é acrescento da tradução. Retoma-se a caracterização da Palavra como *luz* (v.5). *Verdadeira* no sentido de definitiva e plena; só ela pode libertar o homem do poder das trevas.

ⁱ Outra tradução possível: *que ilumina todo o homem que vem ao mundo*.

^j Refere-se à Palavra (*lógos*), retomando a afirmação do v.3.

^k O *mundo* é uma expressão polivalente em Jo; pode ter um sentido: 1) natural: a terra ou o universo; 2) antropológico e existencial: a realidade em que os homens estão naturalmente imersos (cf. 3,16); 3) teológico: realidade que se opõe a Jesus e aos seus discípulos (7,7; 15,18s) e, como tal, está sujeita ao domínio de Satanás (cf. 12,31; 14,30; 16,11). Jesus é o *Salvador do mundo* (4,42) em todas estas dimensões: salva o mundo e do mundo.

¹¹Veio para o que era seu^a, e os seus não a acolheram. ¹²Porém, a todos quantos a receberam deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus: àqueles que acreditam no seu nome^b. ¹³Estes não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.

¹⁴E a Palavra fez-se carne: estabeleceu a tenda entre nós^c, e nós contemplámos a sua glória^d: a glória que tinha como unigénito, junto do Pai, cheio de graça e de verdade.

¹⁵João dá testemunho dele e clama, dizendo: «Foi dele que eu disse: “Aquele que vem atrás de mim está à minha frente, porque antes de mim existia”».

¹⁶Foi da sua plenitude que todos nós recebemos: graça sobre graça^e. ¹⁷Porque a Lei foi dada por meio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo.

¹⁸A Deus jamais alguém viu; o Filho Unigénito, que é Deus^f e está no seio do Pai, Ele é que o deu a conhecer^g.

PRIMEIRA PARTE LIVRO DOS SINAIS (1,19-12,50)

I

PRÓLOGO NARRATIVO: A SEMANA INAUGURAL

APRESENTAÇÃO DA PESSOA E DA MISSÃO DE JESUS (1,19-2,12)^h

João Batista e as autoridades – ¹⁹Foi este o testemunho de João, quando os judeusⁱ enviaram, de Jerusalém, sacerdotes e levitas para lhe perguntarem: «Quem és tu?».

^a A expressão é a mesma de 16,32 e 19,27.

^b Semitismo em que o *nome* significa a pessoa, porque a identifica e, deste modo, a torna presente. O verbo *acreditar*, quando tem Jesus como objeto, é usado por Jo numa construção gramatical grega que expressa movimento: a fé é um processo que tende a um crescendo, mas que também pode regredir (o leitor será disso alertado várias vezes).

^c Evocação da *tenda do encontro* (Ex 25,8), habitação de Deus no meio do seu povo; pela encarnação, é em Jesus, no templo do seu corpo, que se realiza a escatológica presença de Deus (2,21).

^d Pela sua *glória* Deus tornava-se presente na *tenda do encontro* (cf. Ex 40,34s) e, depois, no templo (1Rs 8,10s).

^e Isto é, a plenitude da graça.

^f *Filho* é acrescento da tradução. O grego apresenta *Unigénito Deus*, com a palavra *Deus* sem artigo, pelo que poderá ter um sentido adjetival e possibilitar traduzir a expressão por *o Unigénito divino, que está no seio do Pai*. A palavra grega traduzida por *unigénito* exprime a singularidade de Jesus (*único, amado*); no mesmo sentido é aplicado a Isaac em Heb 11,17 (cf. Gn 22,2.12.16).

^g Lit.: *explicou/interpretou*.

^h Os acontecimentos preenchem uma semana: da expressão *no dia seguinte* (vv.29.35.43) resultam quatro dias, a que se juntam mais três em 2,1, com *ao terceiro dia*. Nos quatro primeiros dias, Jesus é apresentado com uma série de títulos cristológicos: *Cordeiro de Deus* (1,29.36), *o que batiza no Espírito Santo* (1,33), *o Filho de Deus* (1,34), *Rabi* (1,38.49), *Messias* (1,41), *Aquele sobre quem escreveram Moisés, na Lei, e os Profetas* (1,45), *Rei de Israel* (1,49). Nas Bodas de Caná (2,1-12) é apresentada a sua missão.

ⁱ Os *judeus*, em Jo, podem ser os habitantes da Judeia (para os distinguir de outros), todos os israelitas ou ainda, numa utilização que lhe é típica, os adversários de Jesus, designando, sobretudo, os chefes que se lhe opõem e planeiam a sua morte (2,18; 5,10-12; 7,1.13; 9,22).

²⁰Ele confessou e não negou; confessou: «Eu não sou o Cristo»^j. ²¹Perguntaram-lhe: «Quem és tu, então? És Elias?»^k. Ele disse: «Não sou». «És tu o Profeta?»^l. Ele respondeu: «Não». ²²Disseram-lhe eles: «Então quem és? Para podermos dar uma resposta àqueles que nos enviaram, que dizes tu acerca de ti próprio?»^m. ²³Ele afirmou: «Eu sou a voz *daquele que clama no deserto: indiretai o caminho do Senhor,*

tal como disse o profeta Isaías»^k. ²⁴Ora, os que tinham sido enviados pertenciam aos fariseus. ²⁵E perguntaram-lhe: «Então porque batizas, se não és o Cristo, nem Elias, nem o Profeta?»ⁿ. ²⁶João respondeu-lhes^m: «Eu batizo na águaⁿ, mas no meio de vós está quem vós não conheceis: ²⁷Aquele que vem atrás de mim, a quem eu não sou digno de desatar a correia da sandália».

²⁸Isto aconteceu em Betânia, na outra margem do Jordão, onde João estava a batizar.

João Batista e Jesus – ²⁹No dia seguinte, João^o viu Jesus, que vinha ter com ele, e disse: «Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo»^p. ³⁰Este é Aquele de quem eu disse: “Atrás de mim vem um homem que está à minha frente, porque antes de mim existia”^q. ³¹Também eu não o conhecia, mas foi para que Ele se manifestasse a Israel que eu vim batizar na água»^r. ³²E João deu testemunho, dizendo: «Vi o Espírito descer do céu como uma pomba e permanecer sobre Ele. ³³Também eu não o conhecia, mas foi Aquele que me enviou a batizar na água que me disse: “Aquele sobre quem vires o Espírito descer e permanecer sobre Ele, é Ele o que batiza no Espírito Santo”^r. ³⁴Ora, eu vi e dou testemunho: Este é o Filho de Deus»^q.

Formação da nova comunidade (Mt 4,18-22; Mc 1,16-20; 3,13-19; Lc 5,1-11) – ³⁵No dia seguinte, João estava de novo ali^r, com dois dos seus discípulos, ³⁶e, fixando o olhar em Jesus, que passava, disse: «Eis o Cordeiro de Deus»^r. ³⁷Os seus dois discípulos ouviram-no dizer isto^s e seguiram Jesus. ³⁸Jesus voltou-se e, ao ver que eles o seguiam, perguntou-lhes: «Que procurais?»^r. Eles responderam-lhe: «Rabi – que, traduzido, significa “Mestre” –, onde moras?»^r. ³⁹Disse-lhes Ele: «Vinde e vereis!»^r. Foram,

^j Sobre o título *Cristo*, cf. Mt 1,1 nota.

^k Is 40,3.

^l Lit.: *perguntaram-lhe e disseram-lhe*.

^m O grego acrescenta *dizendo*.

ⁿ A preposição grega usada pode também ter um sentido instrumental (*com água*), tal como no final dos vv.31 e 33.

^o *João* é acrescento da tradução.

^p *Tivar* no sentido de *levantar* (o sentido mais imediato do verbo usado em grego) um peso, que oprime o mundo. A expressão refere-se ao cordeiro pascal (Ex 12,7-13) e ao Servo Sofredor (Is 53,7), e tem já em vista a morte de Jesus, que sobe para o Calvário à hora em que os cordeiros pascais começavam a ser imolados no templo de Jerusalém (cf. 19,14,36 notas).

^q Outros mss. apresentam *Eleito de Deus*.

^r *Ali* é acrescento da tradução.

^s *Isto* é acrescento da tradução.

então; viram onde morava e permaneceram com Ele naquele dia. Era por volta das quatro horas da tarde^a.

⁴⁰ André, o irmão de Simão Pedro, era um dos dois que tinham ouvido João e seguido Jesus^b. ⁴¹ Ele encontrou primeiro o seu irmão Simão e disse-lhe: «Encontrámos o Messias» – que, traduzido, significa «Cristo». ⁴² E levou-o a Jesus. Fixando nele o olhar, Jesus disse-lhe: «Tu és Simão, o filho de João; serás chamado Cefas» – que significa «Pedro»^c.

⁴³ No dia seguinte, Jesus quis partir para a Galileia. Encontrou Filipe e disse-lhe: «Segue-me!»^d. ⁴⁴ Filipe era de Betsaida, a cidade de André e de Pedro. ⁴⁵ Filipe encontrou Natanael^d e disse-lhe: «Encontrámos Aquele sobre quem escreveram Moisés, na Lei, e os Profetas: é Jesus, filho de José, de Nazaré». ⁴⁶ Disse-lhe Natanael: «De Nazaré pode vir algo de bom?». Respondeu-lhe Filipe: «Vem e vê». ⁴⁷ Jesus viu Natanael, que vinha ter com Ele, e disse a seu respeito: «Eis um verdadeiro israelita, no qual não há falsidade». ⁴⁸ Disse-lhe Natanael: «De onde me conheces?». Jesus respondeu-lhe^e: «Antes de Filipe te ter chamado quando estavas debaixo da figueira, Eu vi-te». ⁴⁹ Natanael retorquiu: «Rabi, Tu és o Filho de Deus, Tu és o rei de Israel!»^f. ⁵⁰ Jesus respondeu^g: «É porque te disse que te vi debaixo da figueira que acreditas? Verás coisas maiores que estas». ⁵¹ E disse-lhe: «Em verdade, em verdade^h vos digo: vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem»ⁱ.

2 Bodas de Caná. Princípio dos sinais – ¹ Ao terceiro dia, houve uma boda em Caná da Galileia, e estava lá a Mãe de Jesusⁱ. ² Jesus e os seus discípulos foram também convidados para a boda. ³ Como faltava o vinho, a Mãe de Jesus disse-lhe: «Não têm vinho». ⁴ Jesus

^a Lit.: *por volta da hora décima*.

^b Lit.: *Ele*. André aparece sempre a conduzir alguém a Jesus (6,8; 12,22). O outro discípulo, que permanece anónimo, parece ser o Discípulo Amado (cf. 13,23 nota).

^c *Kēfā*, em aramaico, significa *pedra, rocha*. A mudança do nome indica uma nova identidade ligada a uma missão entregue, que será especificada em 21,15ss (cf. Mt 16,18).

^d Com probabilidade trata-se de Bartolomeu (Mt 10,3).

^e Lit.: *respondeu Jesus e disse-lhe*.

^f *Filho de Deus e rei de Israel* têm um sentido messiânico, mas aqui ainda numa conceção muito humana e política. Por isso, Jesus de imediato a corrige: na cruz se verá a sua verdadeira identidade.

^g Lit.: *respondeu Jesus e disse-lhe*.

^h Lit.: *amén amén* (cf. Mt 5,18 nota).

ⁱ Evocação do sonho de Jacob (Gn 28,11-17), que aqui remete para a verdadeira escada: a cruz redentora (3,13). O título *Filho do Homem*, com que normalmente Jesus se refere a si mesmo, é um semitismo que, no hebraico e no aramaico, significava primeiramente apenas *homem*; a partir de Dn 7,13 e da apocalíptica judaica, passou a evocar também uma figura misteriosa, vinda do céu, com a missão de julgar o mundo e estabelecer um reino universal e eterno. É sobretudo neste sentido que Jesus o utiliza.

^j O episódio tem carácter programático e abre a secção que vai até 4,46-54. Está cheio de evocações messiânicas: bodas, banquete, vinho abundante e de qualidade única. A Mãe de Jesus surge também com um papel simbólico: representa o Israel fiel, que espera e acolhe o Messias. Por isso é apresentada em primeiro lugar e Jesus trata-a por *Mulher* (como em 19,26). Do lado oposto, estão os chefes religiosos, representados pelo chefe de mesa que devia ter preparado tudo e é o único a não se aperceber de onde vem o vinho.

respondeu-lhe: «Mulher, que pretendes de mim^k? Ainda não chegou a minha hora!»^l.
⁵A sua Mãe disse aos serventes: «Fazei o que Ele vos disser».

⁶Ora, estavam ali seis^m talhas de pedra destinadas à purificação dos judeus, cada uma com capacidade para duas ou três medidasⁿ. ⁷Disse-lhes Jesus: «Enchei as talhas de água». E encheram-nas até cima. ⁸Depois disse-lhes: «Tirai agora e levai ao chefe de mesa». E eles levaram. ⁹Quando o chefe de mesa provou a água transformada em vinho – ele não sabia de onde era, mas sabiam-no os serventes que tinham tirado a água – chamou^o o noivo ¹⁰e disse-lhe: «Toda a gente^p serve primeiro o vinho bom e, quando todos já estão embriagados, é que serve o inferior. Tu, porém, guardaste o vinho bom até agora!».

¹¹Este foi, em Caná da Galileia, o princípio dos sinais^q que Jesus realizou; manifestou a sua glória e os seus discípulos acreditaram nele.

¹²Depois disto, desceu para Cafarnaum, Ele, a sua Mãe, os seus irmãos e os seus discípulos, mas não permaneceram ali muitos dias.

II PEREGRINAÇÃO PARA A PRIMEIRA PÁSCOA (2,13-4,54)

Expulsão dos vendedores e dos animais do templo (Mt 21,12s; Mc 11,15-17; Lc 19,45s)

¹³Estava próxima a Páscoa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém. ¹⁴Encontrou no templo os vendedores de bois, ovelhas e pombas, e os cambistas sentados nas bancas^r.

¹⁵Então, depois de fazer um chicote de cordas, expulsou-os a todos do templo, e tam-

^k Lit.: *o que [há] para mim e para ti?* Trata-se de uma pergunta retórica, porque, de facto, há uma relação entre Jesus e a Mãe (que, no contexto, simboliza o Israel fiel, que espera o Messias) e Ele bem sabe o que dele se pretende (estabelecer a nova aliança, que este gesto anuncia). Isto é evidente logo a seguir, na atitude de ambos: a Mãe orienta os servos com as mesmas palavras com que o povo de Israel sela a aliança do Sinai (Ex 24,3,7), e Jesus antecipa a manifestação da sua glória, que acontecerá na *hora* (a da morte e ressurreição), na qual se selará a nova aliança. Os encontros de Jesus, até 4,54, explicitam os destinatários desta aliança: judeus ortodoxos (3,1-21), samaritanos (4,1-42) e pagãos (4,46-54), o que possivelmente reflete a composição da comunidade na qual este evangelho tem a sua origem e a qual se destina.

^l Esta *hora* é anunciada, na primeira parte, como *ainda não chegada* e, na segunda, como *chegada* (7,30; 8,20; 12,23.27; 13,1; 17,1).

^m No pensamento bíblico, o número seis é imperfeito (por contraposição ao sete, que significa plenitude); trata-se do dom da Lei (significada nas talhas e na água para os rituais de purificação) que espera um dom superior e pleno: Jesus. Entre a água (Lei) e o vinho da nova aliança (Messias) há continuidade, mas também discontinuidade: o dom dado em Jesus é imensamente maior do que o oferecido através da Lei de Moisés (cf. 1,17; 3,14s; 6,58).

ⁿ Uma *medida* (*metrêthês*) corresponde aproximadamente a 40 litros.

^o O grego acrescenta o *chefe de mesa*.

^p Lit.: *Todo o homem*.

^q *Sinal* é o termo usado por Jo para referir o que nos Sinópticos se chama *ação poderosa* (*dýnamis*) e, correntemente, *milagre*. O termo *sinal* aponta para outra realidade só acessível pela fé.

^r *Nas bancas* é acrescento da tradução.

bém as ovelhas e os bois; deitou por terra o dinheiro dos cambistas e derrubou-lhes as mesas,¹⁶ e disse aos vendedores de pombas: «Tirai isto daqui! Não façais da casa do meu Pai uma casa de comércio!»^a.¹⁷ Os seus discípulos recordaram-se do que está escrito: *O zelo pela tua casa devorar-me-á*^b.

Primeiro anúncio da morte e ressurreição de Jesus – ¹⁸Os judeus tomaram, então, a palavra e disseram-lhe: «Que sinal nos mostras de que podes fazer isto?».¹⁹ Jesus respondeu-lhes: «Destruí este templo, e em três dias o levantarei». ²⁰Disseram-lhe, então, os judeus: «Foram precisos quarenta e seis anos para se edificar este templo, e Tu em três dias o levantarás?».²¹ Ele, porém, falava do templo do seu corpo. ²²Por isso, quando ressuscitou dos mortos^d, os seus discípulos recordaram-se de que tinha dito isto e acreditaram na Escritura e na palavra de Jesus^e.

²³Enquanto Ele esteve em Jerusalém, pela Festa da Páscoa, muitos acreditaram no seu nome^f, ao verem os sinais que Ele realizava. ²⁴Jesus, porém, não se fiava neles, por os conhecer a todos^g e porque não tinha necessidade de que alguém lhe desse testemunho acerca do homem. Ele, de facto, conhecia bem^g o que há no homem.

3 Encontro com Nicodemos^h – ¹Entre os fariseus havia um homem, de seu nome Nicodemos, que era um dos chefes dos judeus. ²Ele veio, de noite, ter com Jesusⁱ e disse-lhe: «Rabi, sabemos que vistes da parte de Deus como mestre, pois ninguém pode realizar estes sinais que Tu realizas, se Deus não estiver com ele». ³Jesus respondeu-lhe: «Em verdade, em verdade^k te digo: quem não nascer de novo^l, não pode ver o reino de Deus». ⁴Disse-lhe Nicodemos: «Como pode um homem nascer,

^a Sem animais já não pode haver culto. O culto antigo cessou; no templo apenas fica o Cordeiro de Deus (1,25.36). Além disso, Jesus revela-se ainda como o verdadeiro templo da presença do Pai (2,19-22; 1,14), de onde jorra a água escatológica (7,37-39; 19,34): nele e por Ele se dará o culto *em espírito e verdade* (4,21s; cf. 9,38).

^b Sl 69,10.

^c Lit.: *respondeu Jesus e disse-lhes*.

^d Lit.: *foi levantado dos mortos*: o mesmo verbo usado nos vv.19s, mas aqui no passivo teológico (cf. Mt 16,6 nota).

^e Lit.: *e na palavra que Jesus disse*.

^f Sobre *acreditar no nome*, cf. 1,12 nota.

^g *Bem* é acrescento da tradução.

^h Representante do judaísmo ortodoxo. Vai ter com Jesus *de noite*, para não ser reconhecido; trata-se de um dos chefes que acreditaram em Jesus, mas que, por medo, não o confessavam abertamente (12,42s; cf. 7,50-52). Nicodemos passará da *noite* para a *luz* no momento da *hora* de Jesus (19,39s), ao contrário de Judas (14,30 nota). Sobre a sua relação com a comunidade joanina, cf. 2,4 nota.

ⁱ Lit.: *Ele*.

^j Lit.: *respondeu Jesus e disse-lhe*.

^k Lit.: *amén amén*, tal como no v.5 (cf. Mt 5,18 nota).

^l A palavra grega utilizada significa não só *de novo*, mas também *do alto* (3,5.7.31; 19,11.23). Os dois significados estão presentes, embora Nicodemos o entenda como nascimento biológico, tal como afirma no v. seguinte. No paralelismo sinónimo do v.5, Jesus explicita o que quis dizer. A palavra traduzida por *nascer* é, em grego, uma forma verbal passiva (lit.: *ser gerado*), ou seja, implica uma ação de Deus (o chamado passivo teológico).

sendo velho? Poderá entrar segunda vez no ventre da sua mãe e voltar a nascer?». ⁵ Jesus respondeu: «Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. ⁶O que nasceu da carne é carne, e o que nasceu do Espírito é espírito. ⁷Não te admires, pois, por te haver dito que é necessário que nasçais de novo. ⁸O Espírito sopra onde quer^m: ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai. Assim é todo aquele que nasceu do Espírito». ⁹Perguntou-lhe Nicodemosⁿ: «Como pode isso acontecer?». ¹⁰Jesus respondeu-lhe^o: «Tu és mestre de Israel e não sabes estas coisas?

¹¹Em verdade, em verdade^p te digo: Nós falamos do que sabemos e damos testemunho do que vimos; mas vós não acolheis o nosso testemunho! ¹²Se vos falei das coisas da terra e não acreditais, como acreditareis se vos falar das coisas do céu? ¹³Ninguém subiu ao céu, senão Aquele que desceu do céu: o Filho do Homem. ¹⁴E, tal como Moisés elevou a serpente no deserto, assim é necessário que o Filho do Homem seja elevado, ¹⁵para que todo aquele que acredita tenha nele a vida eterna^q. ¹⁶Pois Deus amou de tal modo o mundo que deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que acredita nele não morra, mas tenha a vida eterna. ¹⁷De facto, Deus não enviou o Filho ao mundo para condenar^r o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele. ¹⁸Quem acredita nele não é condenado; mas quem não acredita já está condenado, porque não acreditou no nome^s do Filho unigénito de Deus. ¹⁹E a causa da condenação é esta: a luz veio ao mundo, mas os homens amaram mais as trevas do que a luz, pois eram más as suas obras. ²⁰De facto, quem faz o mal odeia a luz e não vai ao encontro da luz, para que as suas obras não sejam denunciadas. ²¹Mas quem pratica a verdade vai ao encontro da luz, para que as suas obras se manifestem com tendo sido realizadas em Deus».

^m O grego *pneúma* traduz, nos LXX, o *ruab* hebraico; ambos os termos significam *vento/sopro* ou *espírito*. É este duplo sentido que, certamente, está na base da comparação de Jesus: o que o vento faz, fá-lo o Espírito.

ⁿ Lit.: *respondeu Nicodemos e disse-lhe*.

^o Lit.: *respondeu Jesus e disse-lhe*.

^p Lit.: *amén amén* (cf. Mt 5,18 nota).

^q Contraposição com o episódio narrado em Nm 21,4-9: a fé, expressa no olhar para a serpente, livrava apenas da morte física; a fé em Jesus morto e ressuscitado concede a vida eterna. O evangelista usa o verbo *elevantar* (aqui e nas outras ocorrências: 8,28; 12,32.34) na ambiguidade do seu sentido: *levantar* e *exaltar*; o *levantar* de Jesus na cruz pelos judeus é concomitantemente o seu *exaltar* na glória, pelo Pai. Daí ser uma necessidade teológica – corresponder ao desígnio divino –, tal como expressa o grego *dei* (*é necessário*; cf. 12,34). No final do v.15, outros mss. leem: *todo aquele que acredita nele tenha a vida eterna*.

^r Segundo a teologia joanina, o julgamento escatológico acontece com a vinda de Jesus; diante dele e da sua palavra é preciso tomar uma decisão. Trata-se, portanto, de um auto-julgamento: acolher Jesus implica receber a vida divina de que Ele é detentor, ou seja, a salvação; recusá-lo significa manter-se nas trevas e no determinismo da morte, ou seja, a condenação. Nesse sentido, o evangelista utiliza os vocábulos *krínō* e *krisis* umas vezes no sentido de *julgar/julgamento* (o ato de tomar uma decisão) e outras no de *condenar/condenação* (decisão tomada), pelo que os léxicos são traduzidos de formas diferentes, de acordo com o contexto (cf., por ex., 5,22, em que se traduz por *julgar* e *judgamento*).

^s Sobre *acreditar no nome* cf. 1,12 nota.

Testemunho de João Batista^a – ²²Depois disto, Jesus foi com os seus discípulos para o território da Judeia. Ali se demorou com eles e batizava. ²³Ora, também João estava a batizar em Enón, perto de Salim, porque as águas eram ali abundantes. As pessoas acorriam e eram batizadas; ²⁴de facto, João ainda não tinha sido lançado na prisão.

²⁵Gerou-se, então, uma controvérsia entre alguns discípulos de João e um judeu, acerca da purificação. ²⁶Foram ter com João e disseram-lhe: «Rabi, Aquele que estava contigo na outra margem do Jordão e do qual tu deste testemunho está^b a batizar, e todos vão ter com Ele». ²⁷João respondeu: «Um homem nada pode receber, se não lhe tiver sido dado do céu. ²⁸Vós próprios dais testemunho de mim, de que disse: “Eu não sou o Cristo”, mas “fui enviado à sua frente”. ²⁹Quem tem a noiva é o noivo. O amigo do noivo^d, que está presente e o ouve, exulta de alegria ao ouvir a voz do noivo^e. Pois bem, esta minha alegria está completa! ³⁰É necessário que Ele cresça e eu diminua^f.

³¹Aquele que vem do alto^g está acima de todos; aquele que é da terra, da terra é, e da terra fala. Aquele que vem do céu está acima de todos; ³²o que viu e ouviu, é disso que dá testemunho, mas ninguém acolhe o seu testemunho! ³³Quem acolhe o seu testemunho certifica^h que Deus é verdadeiro, ³⁴pois Aquele que Deus enviou diz as palavras de Deus. De facto, Eleⁱ dá o Espírito sem medida. ³⁵O Pai ama o Filho e tudo entregou na sua mão. ³⁶Quem acredita no Filho tem a vida eterna, mas quem rejeita o Filho não verá a vida; pelo contrário, a ira de Deus permanece sobre ele».

4 Encontro com os samaritanos^j – ¹Assim que Jesus soube que os fariseus tinham ouvido dizer: «Jesus faz mais discípulos e batiza mais do que João» – ²embora não fosse o próprio Jesus a batizar, mas os seus discípulos –, ³deixou a Judeia e partiu de novo para a Galileia.

⁴Ora, era necessário que Ele atravessasse a Samaria. ⁵Chegou, assim, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar^k, próxima do terreno que Jacob tinha dado ao seu filho

^a João, para além da sua missão específica em relação a Jesus, também representa aqui o judaísmo profético e ascético.

^b Lit.: *vê/eis (que) Este está.*

^c Lit.: *respondeu João e disse.*

^d Responsável por preparar tudo para o casamento.

^e Lit.: *com alegria se alegra por causa da voz do noivo.*

^f O discurso do Batista parece acabar aqui; os vv.31-36 têm mais sentido ligados ao v.21, na continuidade do discurso de Jesus.

^g Cf. v.3 nota.

^h Lit.: *selou* (forma de autenticar os documentos).

ⁱ *Ele* é acrescento da tradução; o sujeito, no grego, é dúbio: Deus ou Jesus? Tal como noutras passagens, a ambiguidade parece intencional, pois o Espírito Santo é dado pelo Pai (14,26), mas também pelo Filho (15,26).

^j Os samaritanos eram considerados heterodoxos pelo judaísmo tradicional. Sobre a sua relação com a comunidade joanina e com o judaísmo ortodoxo, cf. Jo 2,4 nota e Mt 10,5 nota.

^k Talvez a antiga Siquém.

José. ⁶Ficava ali o poço¹ de Jacob. Jesus, fatigado da caminhada, sentou-se junto ao poço. Era por volta do meio-dia^m.

⁷Veio, então, uma mulher da Samaria para tirar água. Disse-lhe Jesus: «Dá-me de beber»ⁿ. ⁸Os seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimentos. ⁹Disse-lhe a samaritana^o: «Como é que Tu, que és judeu, me pedes de beber a mim, que sou samaritana?»». Com efeito, os judeus não se dão com os samaritanos. ¹⁰Jesus respondeu-lhe^p: «Se conhecesses o dom de Deus e quem é Aquele que te diz: “Dá-me de beber”, tu és que lhe pedirias, e Ele dar-te-ia água viva». ¹¹Disse-lhe a mulher: «Senhor, não tens nada com que a tirar e o poço é fundo! De onde te vem, então, a água viva? ¹²Serás Tu maior que o nosso pai Jacob, que nos deu este poço, do qual ele mesmo bebeu, assim como os seus filhos e os seus animais?»». ¹³Jesus respondeu-lhe: «Todo aquele que bebe desta água voltará a ter sede; ¹⁴mas quem beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede^q. Pelo contrário: a água que lhe darei tornar-se-á nele uma fonte de água que jorra para a vida eterna». ¹⁵Disse-lhe a mulher: «Senhor, dá-me essa água, para que eu não sinta mais sede e não tenha de vir aqui tirá-la». ¹⁶Disse-lhe Jesus^r: «Vai chamar o teu marido e volta aqui». ¹⁷A mulher respondeu-lhe^s: «Não tenho marido». Jesus replicou: «Disseste bem: “Não tenho marido”»; ¹⁸de facto, tiveste cinco maridos e aquele que agora tens não é teu marido. Nisto disseste a verdade».

¹⁹Disse-lhe a mulher: «Senhor, vejo que Tu és um profeta. ²⁰Os nossos pais adoraram neste monte; vós, porém, dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar». ²¹Disse-lhe Jesus: «Acredita em mim, mulher: está a chegar a hora em que nem neste monte, nem em Jerusalém, adorareis o Pai. ²²Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus. ²³Mas está a chegar a hora – e é agora – em que os verdadeiros adoradores hão de adorar o Pai em espírito e verdade, pois são esses os adoradores que o Pai procura. ²⁴Deus é Espírito, e é necessário que os seus adoradores o adorem em espírito e

¹ A palavra em grego sugere um poço alimentado por uma nascente de água. O uso da mesma palavra no v.14 (traduzida por *fonte*) cria uma contraposição entre a água que a mulher procura e a que Jesus lhe oferece.

^m Lit.: *hora sexta*, hora a que, dada a intensidade do calor, ninguém ia ao poço.

ⁿ Todos estes elementos são próprios da chamada *cena típica* de matrimónio (Gn 24,10ss; 29,1ss; Ex 2,15ss; a *cena típica* é um recurso literário que narra de acordo com um esquema estabelecido); Jesus dá-lhe uma dimensão espiritual (aliança: 2,1-12) e promete à samaritana um outro tipo de água, que lhe matará a sede religiosa e existencial. Os judeus desprezavam os samaritanos por motivos religiosos (2Rs 17,24-41; Esd 4,1-5); Jesus incluiu o judaísmo heterodoxo na aliança que veio realizar. A água viva que propõe à samaritana é o Espírito Santo, como se afirma expressamente quando as mesmas palavras ocorrem em 7,37-39.

^o Lit.: *mulher samaritana* (nas duas ocorrências no v.).

^p Lit.: *respondeu Jesus e disse-lhe* (assim como no v.13)

^q Lit.: *jamais terá sede pelo século*.

^r Jesus é acrescento da tradução.

^s Lit.: *respondeu a mulher e disse*.

^t Monte Garizim, onde os samaritanos tiveram o seu templo. Isto confirma que a questão fundamental do diálogo é religiosa.

verdade»^a. ²⁵Disse-lhe a mulher: «Eu sei que está a chegar o Messias, o chamado Cristo. Quando Ele chegar, há de anunciar-nos todas as coisas». ²⁶Disse-lhe Jesus: «Sou Eu^b, o que fala contigo».

²⁷Nisto, chegaram os seus discípulos e ficaram admirados por Ele estar a falar com uma mulher. No entanto, nenhum disse: «Que procuras?», ou: «De que falas com ela?».

²⁸Então a mulher deixou o seu cântaro, partiu para a cidade e disse a todos^c: ²⁹«Vinde ver um homem que me disse tudo o eu que fiz. Não será Ele o Cristo?». ³⁰Eles saíram da cidade e foram ter com Jesus^d.

³¹Entretanto, os discípulos pediam-lhe^e: «Rabi, come». ³²Mas Ele disse-lhes: «Eu tenho um alimento para comer, que vós não conheceis». ³³Os discípulos comentavam, então, uns com os outros: «Ter-lhe-á alguém trazido de comer?». ³⁴Disse-lhes Jesus: «O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e levar à consumação a sua obra^f. ³⁵Não dizeis vós: “Mais quatro meses e chega a ceifa”? Pois bem, Eu digo-vos^g: levantai os vossos olhos e observai os campos; já estão dourados^h para a ceifa. ³⁶Aquele que ceifa já está a receber a recompensa e a recolher fruto para a vida eterna, e assim se alegra o que semeia juntamente com o que ceifa. ³⁷Nisto, de facto, é verdadeiro o dito: “Um é o que semeia, e outro o que ceifa”. ³⁸Eu enviei-vos a ceifar aquilo pelo qual não vos afadigastes; outros se afadigaram, e vós tirastes proveito daⁱ sua fadiga».

³⁹Muitos samaritanos daquela cidade acreditaram nele, por causa da palavra da mulher, que dava este testemunho: «Disse-me tudo aquilo que fiz». ⁴⁰Por isso, quando os samaritanos vieram ter com Ele, pediram-lhe que permanecesse com eles. E Ele permaneceu ali dois dias. ⁴¹Então, por causa da sua palavra, muitos mais acreditaram nele ⁴²e diziam à mulher: «Já não é por causa do que disseste^j que acreditamos: nós próprios ouvimos e sabemos que Ele é verdadeiramente o Salvador do mundo»^k.

^a Trata-se de um novo culto, de uma nova maneira de relacionamento com Deus, que acontece *em e por* Jesus, o novo templo (2,13ss) e Cordeiro de Deus (1,29.35); Ele é o *caminho, a verdade e a vida* (14,6), que promete e concede o *Espírito da verdade* (14,17).

^b A ordem literal do grego (*Eu sou*) parece ser uma evocação do nome divino revelado a Moisés (Ex 3,14); cf. a expressão em forma absoluta em 8,24.28.58; 13,19; 18,5.

^c Lit.: *aos homens*, em sentido genérico.

^d Lit.: *Ele*.

^e O grego acrescenta *dizendo*.

^f Cf. 19,28.30, onde o próprio Jesus, antes da sua morte, declara ter sido consumada a obra que o Pai lhe entregou.

^g O grego antepõe *eis* (*que*) (lit.: *vê*; cf. Mt 2,13 nota).

^h Lit.: *brancos*.

ⁱ Lit.: *e vós entrastes na*.

^j Lit.: *da tua fala*.

^k E não apenas do judaísmo ortodoxo.

Encontro com um funcionário real¹. Segundo sinal em Caná (Mt 8,5-13; Lc 7,1-10) – ⁴³Passados aqueles dois dias, saiu dali para a Galileia. ⁴⁴Ora, o próprio Jesus dera testemunho de que um profeta não é estimado na sua terra natal. ⁴⁵No entanto, quando chegou à Galileia, os galileus acolheram-no bem^m, por terem visto tudo quanto fizera, durante a festa, em Jerusalém, pois também eles tinham ido à festa.

⁴⁶Foi, então, de novo a Caná da Galileia, onde da água tinha feito vinho. Ora, havia um funcionário real cujo filho estava doente em Cafarnaum. ⁴⁷Ao ouvir dizer que Jesus tinha vindo da Judeia para a Galileia, foi ter com Ele e pedia-lhe que descesse e lhe curasse o filho, que estava a morrer. ⁴⁸Disse-lhe Jesus: «Se não virdes sinais e prodígios, jamais acreditareis!». ⁴⁹O funcionário real insistiu: «Senhor, desce, antes que o meu filho morra». ⁵⁰Jesus respondeu-lhe: «Vai; o teu filho vive». O homem acreditou na palavra de Jesus^oe partiu. ⁵¹Já ele descia, quando os seus servos lhe vieram ao encontro, dizendo que o seu filho estava vivo. ⁵²Procurou, então, saber junto deles a hora em que tinha melhorado. Eles disseram-lhe: «A febre deixou-o ontem, à uma da tarde»^p. ⁵³O pai apercebeu-se de que fora àquela hora que Jesus lhe dissera: «O teu filho vive». E acreditou, ele e todos os da sua casa.

⁵⁴Este foi o segundo sinal que Jesus realizou, ao voltar da Judeia para a Galileia.

III PEREGRINAÇÃO PARA UMA FESTA: QUESTÃO DO SÁBADO, A FESTA SEMANAL (5,1-47)

S Cura de um doente ao sábado – ¹Depois disto, havia uma festa dos judeus^q, e Jesus subiu a Jerusalém. ²Em Jerusalém, junto à Porta das Ovelhas^t, há uma piscina, chamada em hebraico Betzatá, que tem cinco pórticos. ³Neles jazia um grande número de doentes, cegos, coxos e parálíticos^s. [⁴]^r

¹ Um representante do judaísmo paganizado (cf. 2,4 nota).

^m Bem é acrescento da tradução.

ⁿ Lit.: diz para Ele.

^o Lit.: na palavra que Jesus lhe disse.

^p Lit.: à hora sétima.

^q Pela sequência das festas de peregrinação, seria o Pentecostes. A narração, porém, concentra-se no sábado, a festa semanal.

^r O nome da porta advém do facto de ser por ela que entravam em Jerusalém os animais para os sacrifícios no templo.

^s Lit.: ressequidos, ou seja, que tinham algum membro paralisado (cf. Mt 12,10).

^t Faltam nos melhores mss. o final do v.3 e todo o v.4: que esperavam a agitação da água, [⁴] pois o anjo do Senhor descia à piscina, de tempos a tempos, e agitava a água; o primeiro que entrasse nela, depois da agitação da água, ficava curado da enfermidade que tivesse. Trata-se, provavelmente, de uma glosa para explicar a crença popular nas propriedades terapêuticas da água.

⁵Ora, estava ali um homem doente havia trinta e oito anos^a. ⁶Jesus, ao vê-lo ali prostrado e sabendo que estava assim havia já muito tempo, disse-lhe: «Queres ficar curado?». ⁷Respondeu-lhe o doente: «Senhor, não tenho ninguém que me ponha na piscina quando a água é agitada; e enquanto eu vou, há outro que desce antes de mim». ⁸Disse-lhe Jesus: «Levanta-te, toma a tua enxerga e anda». ⁹E imediatamente o homem ficou curado, tomou a sua enxerga e começou a andar.

Discussão sobre o sábado – Ora, aquele dia era sábado. ¹⁰Diziam, então, os judeus àquele que tinha sido curado: «É sábado; por isso não te é permitido transportar a tua enxerga». ¹¹Mas ele respondeu-lhes: «Aquele que me curou disse-me: “Toma a tua enxerga e anda”». ¹²Perguntaram-lhe: «Quem é o homem que te disse: “Toma a tua enxerga^b e anda”?». ¹³Mas o que tinha sido curado não sabia quem era, pois Jesus tinha-se afastado da multidão que estava naquele lugar.

¹⁴Depois disto, Jesus encontrou-o no templo e disse-lhe: «Eis que ficaste curado; não peques mais, para que não te aconteça algo pior». ¹⁵O homem foi-se embora e foi informar os judeus de que fora Jesus quem o tinha curado. ¹⁶Por causa disto, os judeus começaram a perseguir Jesus^c: por fazer tais coisas ao sábado^d. ¹⁷Mas Jesus respondeu-lhes: «O meu Pai trabalha continuamente^e, e Eu também trabalho»^f. ¹⁸Por causa disto, ainda mais os judeus procuravam dar-lhe a morte: não só por violar o sábado, mas também por chamar a Deus seu Pai, fazendo-se igual a Deus.

O julgamento perante Jesus – ¹⁹Jesus tomou, então, a palavra e disse-lhes^g: «Em verdade, em verdade^h vos digo: o Filho nada pode fazer por si mesmo, mas apenas o que vê o Pai fazer; aquilo que o Paiⁱ faz, também o Filho o faz de igual modo. ²⁰Pois o Pai ama o Filho e mostra-lhe tudo o que Ele próprio faz. E há de mostrar-lhe obras maiores do que estas, de modo que ficareis admirados!

²¹Tal como o Pai ressuscita os mortos e lhes dá a vida, assim também o Filho dá a vida àqueles que quer. ²²Pois o Pai não julga ninguém; pelo contrário, concedeu ao Filho o poder de tudo julgar^j, ²³para que todos honrem o Filho tal como honram o Pai. Quem não honra o Filho não honra o Pai que o enviou.

^a Lit.: *que tinha trinta e oito anos na sua doença*. Possível referência a Dt 2,14 (tempo do caminho de Israel pelo deserto até à terra prometida).

^b *A tua enxerga é acrescento da tradução.*

^c Alguns mss. acrescentam *e procuravam matá-lo*.

^d O episódio parece ter a sua conclusão em 7,19-24.

^e Lit.: *até agora*, expressão que não indica conclusão, mas durabilidade ou constância (*includivamente ao sábado*).

^f Deus é o único que trabalha também ao sábado na sua missão de julgar; com esta afirmação, Jesus afirma-se igual a Deus.

^g Lit.: *respondeu, então, Jesus e dizia-lhes*.

^h Lit.: *amén amén*, tal como nos vv.24.25 (cf. Mt 5,18 nota).

ⁱ Lit.: *Aquele*.

^j Lit.: *todo o julgamento*. A propósito da tradução dos mesmos vocábulos gregos por *julgar/julgamento* (v.22.27.30) e *condenar/condenação* (v.24.29), cf. 3,17 nota.

²⁴ Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e acredita naquele que me enviou tem a vida eterna e não é condenado^k; pelo contrário, passou da morte para a vida.

²⁵ Em verdade, em verdade vos digo: está a chegar a hora – e é agora – em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e aqueles que a ouvirem viverão. ²⁶ Pois, tal como o Pai tem a vida em si mesmo, assim também concedeu ao Filho ter a vida em si mesmo. ²⁷ E deu-lhe poder para exercer o julgamento, porque é o Filho do Homem. ²⁸ Não vos admireis com isto: está a chegar a hora em que todos aqueles que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz ²⁹ e sairão: os que fizeram o bem, para uma ressurreição de vida; os que praticaram o mal, para uma ressurreição de condenação^l.

³⁰ Eu nada posso fazer por mim mesmo; tal como ouço é assim que julgo. E o meu julgamento é justo, porque não procuro a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou».

As testemunhas de Jesus – ³¹ «Se Eu der testemunho de mim mesmo, o meu testemunho não é verdadeiro. ³² É outro que dá testemunho de mim, e sei que o testemunho que dá de mim é verdadeiro. ³³ Vós enviastes emissários^m a João, e ele deu testemunho da verdade. ³⁴ Não que Eu receba o testemunho de um homem, mas digo isto para que vós sejais salvos. ³⁵ Ele era a candeia que ardia e iluminava; mas foi por pouco tempo que vos quisestes alegrar na sua luz.

³⁶ Mas Eu tenho um testemunho maior que o de João, pois as obras que o Pai me deu para consumirⁿ – as obras que faço – dão testemunho de mim, de que o Pai me enviou. ³⁷ E o Pai que me enviou, Ele próprio deu testemunho de mim. Nunca ouvistes a sua voz, nem vistes o seu aspeto, ³⁸ e a sua palavra não permanece em vós, porque não acreditais naquele que Ele enviou. ³⁹ Vós investigais as Escrituras, porque pensais ter nelas a vida eterna. Ora, são elas que dão testemunho de mim. ⁴⁰ Mas vós não quereis vir a mim para terdes a vida!

⁴¹ Eu não recebo glória dos homens. ⁴² Aliás, conheço-vos: não tendes em vós o amor de Deus. ⁴³ Eu vim em nome do meu Pai, e não me recebeis; se vier outro em seu próprio nome, recebê-lo-eis. ⁴⁴ Como podeis acreditar, vós que recebeis glória uns dos outros e não procurais a glória do Deus único?

⁴⁵ Não penseis que Eu vos acusarei junto do Pai; o vosso acusador é Moisés, em quem depositastes a esperança. ⁴⁶ Porque, se acreditásseis em Moisés, acreditaríeis em mim, pois foi acerca de mim que ele escreveu. ⁴⁷ Mas, se não acreditais nos seus escritos, como acreditaréis nas minhas palavras?».

^k Lit.: *não vai para condenação*.

^l Esta afirmação parece ser uma releitura, feita pela comunidade cristã primitiva, da teologia joanina, segundo a qual o julgamento escatológico dá-se perante a aceitação ou a recusa de Jesus (cf. 3,17 nota), tendo em conta a escatologia tradicional, segundo a qual todos serão julgados pelas suas obras.

^m *Emissários* é acrescento da tradução.

ⁿ Obras que Jesus declara consumadas em 19,28.30.

IV
A SEGUNDA PÁSCOA
A «NÃO PEREGRINAÇÃO»:
O PÃO DA VIDA
(6,1-71)

6 Multiplicação dos pães e dos peixes (Mt 14,13-21; Mc 6,32-44; 8,1-9; Lc 9,10-17) – ¹Depois disto, Jesus partiu para a outra margem do mar da Galileia, ou de Tiberíades^a. ²Seguia-o uma numerosa multidão, por verem os sinais que realizava nos doentes. ³Jesus subiu ao monte e ali se sentou com os seus discípulos. ⁴Estava próxima a Páscoa, a festa dos judeus^b.

⁵Então Jesus, ao levantar os olhos e ao ver que vinha ter com Ele uma numerosa multidão, disse a Filipe: «Onde havemos de comprar pão para que eles possam comer?». ⁶Dizia isto para o pôr à prova, pois Ele bem sabia o que estava para fazer. ⁷Respondeu-lhe Filipe: «Duzentos denários de pão não chegam^c para que cada um receba um pouco». ⁸Disse-lhe um dos seus discípulos, André, o irmão de Simão Pedro: ⁹«Está aqui um rapazinho que tem cinco pães de cevada e dois pequenos peixes. Mas que é isso para tanta gente?». ¹⁰Disse Jesus: «Fazei-os reclinar-se^d». Havia muita erva naquele lugar. Então os homens, que eram cerca de cinco mil, inclinaram-se. ¹¹Jesus tomou os pães e, depois de dar graças, distribuiu-os aos que estavam inclinados, e fez o mesmo com os pequenos peixes, dando-lhes^e tanto quanto eles quiseram. ¹²E, quando ficaram saciados, disse aos seus discípulos: «Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca». ¹³Recolheram-nos e encheram doze cestas com os pedaços dos cinco pães de cevada que sobraram aos que tinham comido.

¹⁴Ao verem o sinal que Jesus^f tinha realizado, aqueles homens começaram a dizer: «Este é, verdadeiramente, o profeta que estava para vir ao mundo». ¹⁵Então Jesus, sabendo que o viriam tomar à força para o fazerem rei, retirou-se sozinho de novo para o monte^g.

^a Inesperadamente, Jesus está de novo na Galileia, o que leva alguns autores a considerar o cap. 6 como um inciso.

^b A única Páscoa, das três referidas por Jo, em que Jesus não sobe a Jerusalém. Mas nela os leitores são preparados para a terceira com um discurso de Jesus, cujo conteúdo será então vivido e manifestado: a sua realeza pela doação do seu corpo e sangue, para a vida do mundo.

^c O grego acrescenta *a eles*.

^d Posição em que, por influência da cultura greco-romana, se tomava a refeição. O texto apresenta uma série de elementos e expressões eucarísticas: *tomar os pães, dar graças e distribuir* aos que estavam *reclinados*; também *pedaços* é a palavra com que a *Didaqué* (finais do séc. I) fala dos fragmentos eucarísticos, e *recolher/reunir* (vv.12.13) é o verbo com que S. Clemente, S. Inácio de Antioquia e a *Didaqué* se referem à reunião dos cristãos.

^e *Dando-lhes* é acrescento da tradução. Outros interpretam a expressão como referindo-se somente aos peixes. Seja qual for a interpretação, sublinha-se que Jesus (se) dá em abundância e sem restrições; o único limite é a vontade humana.

^f *Jesus* é acrescento da tradução.

^g Jesus recusa uma realeza segundo os critérios do mundo; na paixão e na cruz revelar-se-á o seu modo de reinar.

Jesus caminha sobre as águas (Mt 14,22-33; Mc 6,45-52) – ¹⁶Ao cair da tarde, os seus discípulos desceram até ao mar ¹⁷e, subindo para um barco, dirigiram-se para a outra margem do mar, para Cafarnaum. As trevas já tinham caído, e Jesus ainda não tinha vindo ter com eles. ¹⁸O mar estava a ficar encrespado, pois soprava um forte vento. ¹⁹Depois de terem remado cerca de vinte e cinco ou trinta estádios^h, viram Jesus a caminhar sobre o mar e a aproximar-se do barco, e tiveram medo. ²⁰Mas Ele disse-lhes: «Sou Euⁱ; não tenhais medo!». ²¹Quiseram, então, recebê-lo no barco, e o barco chegou imediatamente à terra para onde se dirigiam.

Discurso sobre o pão da vida – ²²No dia seguinte, a multidão, que permanecera na outra margem do mar, apercebeu-se de que ali só tinha estado um pequeno barco e de que Jesus não tinha entrado no barco com os seus discípulos; eles^j tinham partido sozinhos. ²³Entretanto, chegaram outros pequenos barcos de Tiberíades, de perto do lugar onde eles tinham comido o pão depois de o Senhor ter dado graças. ²⁴Quando a multidão se apercebeu de que nem Jesus nem os seus discípulos estavam ali, subiram todos para os pequenos barcos e foram para Cafarnaum à procura Jesus.

²⁵Ao encontrá-lo na outra margem do mar, disseram-lhe: «Rabi, quando foi que chegaste aqui?». ²⁶Jesus respondeu-lhes^k: «Em verdade, em verdade^l vos digo: procurais-me não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e ficastes saciados. ²⁷Trabalhai não pelo alimento que se perde, mas pelo alimento que permanece para a vida eterna e que o Filho do Homem vos dará; pois foi a Ele que Deus, o Pai, marcou com o seu selo».

²⁸Disseram-lhe, então: «Que havemos de fazer para realizar as obras de Deus?». ²⁹Jesus respondeu-lhes^m: «Esta é a obra de Deus: que acrediteis naquele que Ele enviou». ³⁰Eles replicaram: «Que sinal fazes Tu, para que vejamos e acreditemos em ti? Que obra realizas? ³¹Os nossos pais comeram o maná no desertoⁿ, como está escrito: *Deu-lhes a comer pão do céu*^o». ³²Disse-lhes Jesus: «Em verdade, em verdade vos digo: não foi Moisés que vos deu o pão do céu; o meu Pai é que vos dá o verdadeiro pão do céu. ³³Pois o pão de Deus é o que desce do céu e dá a vida ao mundo». ³⁴Disseram-lhe, então: «Senhor, dá-nos sempre esse pão!». ³⁵Jesus replicou-lhes: «Eu sou o pão da vida: quem vem a mim jamais terá fome; quem acredita em mim jamais terá sede. ³⁶No entanto, Eu já vo-lo disse: vós vistes-me e não acreditais. ³⁷Todo aquele que o Pai me dá virá a mim, e aquele que vem a mim jamais o rejeitarei, ³⁸porque desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou.

^h C. 5 a 6 km (um estádio equivale a c. 192 metros).

ⁱ Cf. 4,26 nota.

^j Lit.: *mas os seus discípulos*.

^k Lit.: *respondeu-lhes Jesus e disse*.

^l Lit.: *amén amén*, tal como nos vv.32.47.53 (cf. Mt 5,18 nota).

^m Lit.: *respondeu Jesus e disse-lhes*.

ⁿ Episódio narrado em Ex 16,4ss.

^o Sl 78,24; cf. Ex 16,4.15.

³⁹E a vontade daquele que me enviou é esta: que nada perca do que me deu, mas que o ressuscite no último dia. ⁴⁰Pois esta é a vontade do meu Pai: que todo aquele que vê o Filho e acredita nele tenha a vida eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia».

⁴¹Os judeus começaram, então, a murmurar contra Ele, porque tinha dito: «Eu sou o pão que desceu do céu». ⁴²E diziam: «Este não é Jesus, o filho de José? Não conhecemos nós o pai e a mãe? Como é que agora diz: “Eu desci do céu”?».

⁴³Jesus tomou a palavra e disse-lhes: «Não murmureis entre vós. ⁴⁴Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o atrair; e Eu o ressuscitarei no último dia.

⁴⁵Está escrito nos Profetas: *Serão todos ensinados por Deus*^b. Todo aquele que ouviu o Pai e aprendeu vem a mim. ⁴⁶Não porque alguém tenha visto o Pai, a não ser Aquele que existe junto de Deus: Esse é que viu o Pai. ⁴⁷Em verdade, em verdade vos digo: quem acredita tem a vida eterna.

⁴⁸Eu sou o pão da vida. ⁴⁹Os vossos pais comeram o maná no deserto e morreram; ⁵⁰este é o pão que desce do céu, para que não morra quem dele comer. ⁵¹Eu sou o pão vivo que desceu do céu: se alguém comer deste pão, viverá para sempre. E o pão que Eu hei de dar é a minha carne, que Eu darei pela vida do mundo».

⁵²Altercavam, então, os judeus entre si, dizendo: «Como pode Ele dar-nos a sua carne a comer?». ⁵³Jesus disse-lhes, então: «Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. ⁵⁴Quem come^c a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e Eu o ressuscitarei no último dia. ⁵⁵Porque a minha carne é verdadeiro alimento, e o meu sangue é verdadeira bebida^d. ⁵⁶Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim, e Eu nele. ⁵⁷Assim como o Pai, que vive, me enviou, e Eu vivo pelo Pai, também quem me come viverá por mim. ⁵⁸Este é o pão que desceu do céu. Não é como aquele que os vossos^e pais comeram: eles morreram; quem come este pão viverá para sempre^f».

⁵⁹Estas coisas disse-as Jesus ao ensinar numa sinagoga em Cafarnaum.

Crise entre os discípulos e profissão de fé de Pedro – ⁶⁰Ora, depois de ouvirem isto, muitos dos seus discípulos disseram: «Estas palavras são insuportáveis! Quem pode ouvir isto?»^g. ⁶¹Jesus, sabendo no seu íntimo que os seus discípulos murmuravam

^a Lit.: *respondeu Jesus e disse-lhes*.

^b Is 54,13 (LXX). Cf. Jr 31,33s.

^c O verbo grego utilizado (o mesmo nos vv.56,58d) refere-se expressivamente ao próprio processo de mastigação e de deglutição.

^d O adjetivo *verdadeiro*, assim como o escândalo que suscita aos judeus, faz perceber que não se trata de uma forma simbólica de falar. O mesmo em 6,56,58.

^e *Vossos* é acresceto da tradução (de acordo com alguns mss.).

^f Uma vez mais se faz a contraposição qualitativa entre Moisés e Jesus: aquele foi intermediário para um pão que alimentava apenas fisicamente; Jesus é o pão de Deus, que alimenta a vida divina recebida no batismo (1,12-13; 3,5ss) e que não acaba na morte física.

^g Lit.: *É dura esta palavra! Quem pode ouvi-la?* O discurso de Jesus sobre a carne e o sangue que é preciso comer e beber cria a primeira grande crise no grupo dos seus discípulos; provavelmente o episódio

por causa do que dissera^h, respondeu-lhes: «Isto é para vós motivo de escândalo? ⁶²E se virdes o Filho do Homem subir para onde estava antes? ⁶³É o Espírito que dá a vida, a carne de nada serve; as palavras que Eu vos disse são espírito e são vida. ⁶⁴No entanto, entre vós há alguns que não acreditam». De facto, Jesus bem sabia, desde o princípio, quem eram os que não acreditavam e quem era aquele que o haveria de entregar. ⁶⁵E dizia: «Foi por causa disto que vos disse que ninguém pode vir a mim, se não lhe for concedido pelo Pai».

⁶⁶A partir desse momento, muitos dos seus discípulos voltaram para trás e já não andavam com Ele. ⁶⁷Jesus disse, então, aos Doze: «Quereis também vós ir embora?». ⁶⁸Respondeu-lhe Simão Pedro: «A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna, ⁶⁹e nós acreditamos e sabemos! que Tu és o Santo de Deus». ⁷⁰Respondeu-lhes Jesus: «Não fui Eu que vos escolhi, aos Doze? E, contudo, um de vós é um diabo!». ⁷¹Falava de Judas, filho de Simão Iscariotes, pois este haveria de o entregar. E era um dos Doze!

V

PEREGRINAÇÃO PARA A FESTA DAS TENDAS E FESTA DA DEDICAÇÃO DO TEMPLO (7,1-10,42)

Festa das Tendras (7,1-10,21)

7 Falta de fé dos familiares de Jesus – ¹Depois disto, Jesus continuou a andar pela Galileia. Não queria andar pela Judeia, porque os judeus procuravam dar-lhe a morte.

²Ora, estava próxima a festa dos judeus, a Festa das Tendras^k. ³Disseram-lhe, por isso, os seus irmãos: «Parte daqui e vai para a Judeia, para que também os teus dis-

reflete também dificuldades na comunidade primitiva em relação à eucaristia. A pragmática do texto é bem vincada: também o leitor é chamado a uma decisão, de permanecer (acreditar) ou de ir embora (v.67).

^h Lit.: *por causa disto*.

ⁱ Dois verbos no perfeito grego, que indicam uma ação do passado cujos efeitos continuam no presente.

^j Ao contrário dos outros que foram embora, Judas, em cisma interior com Jesus e, portanto, com a comunidade, continua hipocritamente presente. Mas Jesus, mesmo sabendo quem ele era e o que faria (v.70), deu-lhe até ao fim a hipótese da conversão e do regresso à comunhão (13,1.26).

^k Festa de peregrinação, para agradecer as últimas colheitas e, mais tarde, a proteção divina na passagem pelo deserto, centrada na aliança (cf. Ne 8). Durante a festa, o povo dormia em tendas (como no deserto) e as celebrações estavam dominadas por dois ritos: 1) o da *água*, com procissões diárias à piscina de Siloé, de onde os sacerdotes levavam água para derramar em libação no altar do templo, em memória da que Deus fizera jorrar da rocha de Meribá (Ex 17,1ss); 2) o da *luz*, com grandes luminárias acendidas no templo, em memória da nuvem luminosa que guiara Israel pelo deserto (Ex 13,21). O rito da água adquiriu também um significado messiânico e escatológico (Is 12,3; 55,1; Ez 36,25-27; 47,1-12): quando vier o Messias, todos os povos acorrerão ao templo (Ag 2,1-7; Zc 14,16), onde, de uma *fonte aberta*, sairá uma *água viva* (Zc 14,8ss) que lavará Jerusalém de todo o pecado. É neste contexto que Jesus se apresenta como o dador da *água viva* (7,37-39; cf. 2,19-22; 19,34) e a *luz do*

cípulos vejam as obras que Tu realizas. ⁴Pois ninguém faz nada em segredo quando procura ser publicamente conhecido. Se fazes estas coisas, manifesta-te ao mundo!». ⁵Nem os seus irmãos acreditavam nele. ⁶Disse-lhes, então, Jesus: «O meu tempo^a ainda não chegou; o vosso tempo, porém, é sempre propício! ⁷O mundo não vos pode odiar; a mim, porém, odeia-me, porque Eu dou testemunho dele, de que as suas obras são más. ⁸Subi vós para a festa. Eu não subo para esta festa, porque o meu tempo ainda não se cumpriu». ⁹Dito isto, permaneceu na Galileia.

Jesus peregrina em segredo – ¹⁰Contudo, quando os seus irmãos subiram para a festa, então também Ele subiu, não abertamente, mas quase em segredo^b. ¹¹Entretanto, durante a festa, os judeus procuravam-no e perguntavam: «Onde está Ele?». ¹²E havia entre a multidão uma grande murmuração a seu respeito; uns diziam: «Ele é um homem^c bom!», mas outros afirmavam: «Não! Pelo contrário, engana a multidão». ¹³No entanto, ninguém falava dele publicamente, por medo dos judeus.

Ainda o sábado e a cura do doente de Betzatá – ¹⁴Já a festa ia a meio, quando Jesus subiu ao templo e começou a ensinar. ¹⁵Os judeus estavam admirados e diziam: «Como é que Ele conhece as letras sem ter estudado?»^d. ¹⁶Jesus tomou a palavra e disse-lhes^e: «O meu ensinamento não é meu, mas daquele que me enviou. ¹⁷Se alguém quiser fazer a vontade de Deus^f, saberá se este ensinamento é de Deus, ou se Eu falo por mim mesmo. ¹⁸Quem fala por si mesmo procura a sua própria glória; mas quem procura a glória daquele que o enviou, esse é verdadeiro e nele não há injustiça^g.

¹⁹Não vos deu Moisés a Lei? E nenhum de vós cumpre a Lei! Por que razão procurais matar-me?». ²⁰A multidão respondeu: «Tens um demónio! Quem é que te procura matar?». ²¹Jesus respondeu-lhes^h: «Realizei uma obraⁱ, e todos vos admirais por isso. ²²Moisés^j deu-vos a circuncisão – não que ela venha de Moisés, mas dos Patriarcas –, e vós circuncidais um homem ao sábado. ²³Se um homem recebe a

mundo (8,12). No episódio do cego de nascença (9,1ss), que se inicia precisamente na piscina de Siloé, os dois elementos, água e luz, estão presentes: nas águas do Enviado (Jesus), o cego recebe a luz (física e, sobretudo, espiritual).

^a Tradução de *kairós* (*tempo favorável, momento oportuno*), diferente de *khrónos* (*tempo cronológico*).

^b Na próxima peregrinação, a da Páscoa de regresso ao Pai, fá-lo-á *abertamente* (cf. 12,12ss; 16,25).

^c *Um homem* é acrescento da tradução.

^d Isto é, sem ter frequentado uma escola rabínica.

^e Lit.: *respondeu-lhes então Jesus e disse*.

^f Lit.: *dele*.

^g Ou seja, nada que quebre a sua relação com Deus. O final da declaração de Jesus retoma literalmente o Sl 91,16 (LXX): *O Senhor, meu Deus, é reto e nele não há injustiça*. Assim, mais uma vez Jo cristifica uma afirmação feita no AT sobre Deus.

^h Lit.: *respondeu Jesus e disse-lhes*.

ⁱ Refere-se à cura do doente, narrada em 5,1ss.

^j O texto grego de NA²⁸ apresenta «*vos admirais. Por isso, Moisés*» que é *lectio difficilior*, que não tem grande coerência. A tradução segue a leitura de vários e importantes autores.

circuncisão ao sábado para que não seja violada a Lei de Moisés^k, porque vos irritais comigo por ao sábado ter curado um homem por inteiro? ²⁴Não julgueis pela aparência; pelo contrário, julgai de acordo com a justiça^l».

Discussão sobre a origem de Jesus – ²⁵Diziam, então, alguns habitantes^m de Jerusalém: «Não é Este Aquele que procuram matar? ²⁶Mas eis que fala publicamente e não lhe dizem nada! Será que os chefes terão reconhecido que, na verdade, Ele é o Cristo? ²⁷No entanto, sabemos de onde Ele é, enquanto o Cristo, quando vier, ninguém saberá de onde é».

²⁸Jesus, pôs-se, então, a ensinar no templo, e exclamou, dizendo: «Então conheceis-me e sabeis de onde sou! Ora, Eu não vim por mim mesmo, mas é verdadeiro Aquele que me enviou, que vós não conheceis. ²⁹Eu conheço-o, porque dele venho e foi Ele que me enviou».

³⁰Procuravam, então, prendê-lo, mas ninguém lhe pôs a mão em cima, porque ainda não chegara a sua horaⁿ. ³¹Entre a multidão, porém, muitos acreditaram nele e diziam: «Será que o Cristo, quando vier, realizará sinais maiores do que Este tem realizado?».

Anúncio da morte e ressurreição – ³²Os fariseus ouviram dizer que a multidão andava a murmurar tais coisas acerca dele, e os chefes dos sacerdotes e os fariseus enviaram guardas para o prenderem.

³³Disse-lhes, então, Jesus: «É por pouco tempo que ainda estou convosco; parto para Aquele que me enviou. ³⁴Haveis de procurar-me e não me encontrareis; e aonde Eu estou, vós não podeis ir». ³⁵Disseram, então, os judeus entre si: «Para onde estará Ele prestes a ir, que nós não o possamos encontrar? Será que vai ter com os que estão dispersos entre os gregos^o e ensinar os gregos? ³⁶Que significam estas palavras que nos disse: “Haveis de procurar-me e não me encontrareis” e “Aonde Eu estou, vós não podeis ir”?».

Anúncio do dom da água viva: o Espírito Santo – ³⁷No último dia, o mais importante da festa, Jesus pôs-se de pé e exclamou, dizendo: «Se alguém tem sede, venha a mim; e beba ³⁸quem acredita em mim. Como diz a Escritura: *Do seu ventre jorrarão*

^k Segundo Lv 12,3, a circuncisão é obrigatória oito dias depois do nascimento, tal como tinha sido ordenado a Abraão (cf. Gn 17,10; 21,4), de tal forma que prevalece sobre o preceito sabático (cf. *mShab* 18,3).

^l Lit.: *mas julgai o julgamento justo*.

^m *Habitantes* é acrescento da tradução.

ⁿ É a hora da morte e ressurreição de Jesus, a acontecer conforme o projeto de Deus e a vontade de Jesus (8,20; 12,27; 13,1; 16,25; 17,1).

^o Lit.: *para a diáspora dos gregos*. A expressão refere-se à diáspora dos judeus (por nascimento ou por conversão) no estrangeiro.

rios de água viva»^a.³⁹Disse isto acerca do Espírito, que haviam de receber aqueles que nele acreditaram; de facto, ainda não tinham o Espírito^b, porque Jesus ainda não fora glorificado.

Nova discussão sobre a origem e natureza de Jesus – ⁴⁰Ao ouvirem estas palavras, diziam alguns entre a multidão: «Este é verdadeiramente o Profeta». ⁴¹Outros diziam: «Este é o Cristo». Outros, porém, diziam: «Será que o Cristo vem da Galileia? ⁴²Não disse a Escritura que o Cristo *vem da descendência de David e de Belém*, povoação de onde era David?»^c. ⁴³Gerou-se, assim, por sua causa, uma divisão entre a multidão. ⁴⁴Alguns deles queriam prendê-lo, mas ninguém lhe pôs as mãos em cima. ⁴⁵Os guardas foram, então, ter com os chefes dos sacerdotes e com os fariseus, e estes disseram-lhes: «Por que razão não o trouxestes?». ⁴⁶Os guardas responderam: «Jamais homem algum falou assim!». ⁴⁷Os fariseus replicaram: «Será que também vós fostes enganados? ⁴⁸Porventura algum dos chefes, ou dos fariseus, acreditou nele? ⁴⁹Mas esta multidão, que não conhece a Lei, é gente maldita!». ⁵⁰Disse-lhes Nicodemos, aquele que anteriormente fora ter com Jesus^e e que era um deles: ⁵¹«Acaso a nossa Lei julga^f um homem sem antes o ter ouvido e sabido o que faz?». ⁵²Responderam-lhe^g: «Será que também tu és da Galileia? Investiga e verás que da Galileia não surgirá nenhum profeta». ⁵³E foi cada um para sua casa^h.

A mulher adúltera – Jesus foi para o Monte das Oliveiras. ²Mas, ao amanhecer, foi de novo ao templo, e o povo todo ia ter com Ele. E Ele, depois de se ter sentado, pôs-se a ensiná-los. ³Os doutores da lei e os fariseus levaram, então, uma mulher apanhada em adultério e, colocando-a no meio, ⁴disseram-lhe: «Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. ⁵Na Lei, Moisés ordenou que apedrejassemos tais mulheres. Ora, Tu que dizes?». ⁶Diziam isto para o porem à prova e para terem com que o acusar. Mas Jesus inclinou-se e pôs-se a escrever com o dedo na terra.

^a Confluência de referências bíblicas (Is 48,21; Ez 37,1; Zc 14,8). Este texto é uma *crux* clássica; conforme a pontuação, assim se interpreta de quem é o ventre a que se refere o texto: daquele que acredita em Jesus (...*venha a mim e beba. Quem acredita em mim, como diz a Escritura...*) ou de Jesus (o texto apresentado). O contexto imediato e alargado faz perceber que é de Jesus que a água – o Espírito Santo – jorrará (19,34). Já à samaritana Jesus anunciara esta água viva como um dom que Ele oferecerá (4,10-11). No entanto, é possível que a ambiguidade seja propositada: uma vez recebido, de Jesus, o Espírito Santo torna-se, no crente, uma nascente de onde constantemente jorra a vida divina. Sobre o significado da água nesta festa, cf. 7,2 nota.

^b Lit.: *ainda não era Espírito*, no sentido em que *o Espírito ainda não fora dado*, como se lê em alguns mss..

^c 2Sm 7,12-16; Mq 5,1.

^d Lit.: *são malditos*.

^e Lit.: *Ele*.

^f Cf. 3,17 nota.

^g Lit.: *responderam e disseram-lhe*.

^h Os vv.7,53-8,11 não se encontram na maioria dos mss. gregos, nas antigas versões e nos Padres da Igreja. O estilo é mais lucano que joanino, pelo que alguns autores defendem que se situaria a seguir a Lc 21,38. Mas é inquestionável o seu valor canónico e tradicional.

⁷Como insistiam em interrogá-lo, levantou-se e disse-lhes: «Quem de entre vós estiver sem pecado seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra». ⁸E, inclinando-se de novo, continuou a escrever na terra. ⁹Eles, porém, quando ouviram isto, foram saindo, um após outro, a começar pelos mais velhos, deixando-o sozinho com a mulher que continuava ali no meio. ¹⁰Jesus levantou-se e disse-lhe: «Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?». ¹¹Ela respondeu: «Ninguém, Senhor». Disse-lhe Jesus: «Nem Eu te condeno. Vai, e a partir de agora não voltes a pecar».

Testemunho de Jesus: «Eu sou a luz do mundo» – ¹²Jesus falou-lhes, então, de novo, dizendo: «Eu sou a luz do mundoⁱ. Quem me segue jamais caminhará nas trevas, mas terá a luz da vida». ¹³Disseram-lhe os fariseus: «Tu dás testemunho de ti mesmo: o teu testemunho não é verdadeiro!». ¹⁴Jesus respondeu-lhes^j: «Ainda que Eu dê testemunho de mim mesmo, o meu testemunho é verdadeiro, porque sei de onde vim e para onde vou. Vós, porém, não sabeis de onde venho ou para onde vou. ¹⁵Vós julgais^k segundo os critérios da carne; Eu não julgo ninguém. ¹⁶E, se Eu julgar, o meu julgamento é verdadeiro, porque não estou só; pelo contrário, estou Eu e o Pai que me enviou. ¹⁷E na vossa Lei está escrito que o testemunho de dois homens é verdadeiro. ¹⁸Sou Eu quem dá testemunho de mim, e de mim também dá testemunho o Pai que me enviou». ¹⁹Disseram-lhe, então: «Onde está o teu Pai?». Respondeu Jesus: «Não me conheceis nem a mim, nem ao meu Pai. Se me conhecêsseis, conheceríeis também o meu Pai». ²⁰Disse estas palavras junto à arca do tesouro^l, enquanto ensinava no templo. E ninguém o prendeu, porque ainda não chegara a sua hora.

Novo anúncio da morte de Jesus – ²¹Jesus disse-lhes ainda^m: «Eu vou partir; haveis de procurar-me, mas morrereis no vosso pecado. Para onde Eu vou, vós não podeis ir». ²²Diziam, então, os judeus: «Será que se vai matar, visto que diz: “Para onde Eu vou, vós não podeis ir”?». ²³Mas Ele continuou, dizendo: «Vós sois aqui de baixo, Eu sou do alto; vós sois deste mundo, Eu não sou deste mundo. ²⁴Por isso vos disse que morrereis nos vossos pecados, pois, se não acreditardes que *Eu sou*ⁿ, morrereis nos vossos pecados». ²⁵Diziam-lhe, então: «Quem és Tu?». Respondeu-lhes Jesus: «O que desde o princípio vos digo^o! ²⁶Muito tenho que dizer e julgar a vosso respeito! Mas Aquele que me enviou é verdadeiro, e o que digo ao mundo é aquilo que dele

ⁱ Sobre o contexto destas afirmações, cf. 7,2 nota.

^j Lit.: *respondeu Jesus e disse-lhes*.

^k A propósito de *julgar/julgamento* (vv.15.16.26), cf. 3,17 nota.

^l Cf. Mc 12,41 nota.

^m Lit.: *disse-lhes, então, de novo*.

ⁿ Evocação do nome divino revelado a Moisés (Ex 3,14); cf. vv.28.58; 13,19; 18,5 (e provavelmente 4,26).

^o Frase de difícil interpretação. NA²⁸ apresenta a frase como uma interrogação, pelo que poderia ser traduzida por «*O que vos digo desde o princípio?*». O contexto indica que se tratará de uma pergunta retórica, o que justifica a tradução apresentada.

ouvi ». ²⁷Eles não compreenderam que lhes falava do Pai. ²⁸Disse-lhes, então, Jesus: «Quando elevardes o Filho do Homem, nesse momento sabereis que *Eu sou*^a e que nada faço por mim mesmo; pelo contrário, falo como o Pai me ensinou. ²⁹Aquele que me enviou está comigo; não me deixou só, porque Eu faço sempre o que lhe agrada». ³⁰Ao dizer isto, muitos acreditaram nele.

Declaração a alguns discípulos: «tendes por pai o Diabo» – ³¹Dizia, então, Jesus aos judeus que tinham acreditado nele^b: «Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos; ³²conhecereis a verdade e a verdade vos libertará». ³³Eles responderam-lhe: «Nós somos descendentes de Abraão e nunca fomos escravos de ninguém! Como é que Tu dizes: “Sereis livres”?». ³⁴Respondeu-lhes Jesus: «Em verdade, em verdade^c vos digo: todo aquele que comete o pecado é escravo do pecado. ³⁵Ora, o escravo não permanece para sempre na casa; o filho é que permanece para sempre. ³⁶Portanto, se o Filho vos libertar, sereis realmente livres. ³⁷Bem sei que sois descendentes de Abraão; no entanto, procurais matar-me, porque a minha palavra não encontra lugar em vós. ³⁸Eu digo o que vi junto do Pai; e vós fazeis o que ouvistes do vosso pai»^d. ³⁹Eles responderam-lhe^e: «O nosso pai é Abraão!». Disse-lhes Jesus: «Se fôsseis filhos de Abraão, faríeis as obras de Abraão. ⁴⁰Mas agora procurais matar-me, a mim que vos disse a verdade que ouvi de Deus. Abraão não fez isso. ⁴¹Vós fazeis as obras do vosso pai». Disseram-lhe eles: «Nós não nascemos da prostituição^f! Temos um só Pai, que é Deus». ⁴²Disse-lhes Jesus: «Se Deus fosse vosso Pai, amar-me-íeis, pois foi de Deus que Eu saí e vim; não vim por mim mesmo, mas foi Ele que me enviou. ⁴³Por que razão não compreendeis a minha linguagem? Por não serdes capazes de ouvir a minha palavra! ⁴⁴Vós sois do vosso pai, o Diabo, e quereis realizar os desejos do vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio e não se manteve na verdade, porque nele não há verdade. Quando diz o que é mentira, fala com base naquilo que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira^g. ⁴⁵Mas em mim, porque Eu digo a verdade, não acreditais! ⁴⁶Quem de vós me acusa de pecado? Se digo a verdade, por que razão vós não acreditais em mim? ⁴⁷Quem é de Deus ouve as palavras de Deus. É por isso que vós não ouvís: porque não sois de Deus».

^a Cf. v.24 nota. A *elevação* de Jesus, que se refere à sua crucificação, é paradoxalmente uma *exaltação* por Deus e, por isso, o momento da grande manifestação da sua natureza divina (cf. 19,31-37; 3,15 nota).

^b O discurso passa a ser dirigido, até ao final do cap., aos discípulos vindos do judaísmo que parecem acreditar em Jesus como Messias, mas não na sua pré-existência e divindade. Daí a dureza de Jesus: não acreditar na totalidade do seu mistério significa ser *mentiroso e ter por pai o Diabo*.

^c Lit.: *amén amén* (cf. Mt 5,18 nota).

^d *Vosso* é acrescento da tradução, de acordo com o que apresentam alguns mss.

^e Lit.: *responderam e disseram-lhe*.

^f A aliança de Israel com Deus era expressa em termos esposais, pelo que a infidelidade ou a idolatria do povo era considerada *prostituição* (cf. Ex 34,15).

^g Lit.: *dela*.

⁴⁸Responderam-lhe os judeus^h: «Não dizemos nós, com razão, que Tu és um samaritano e tens um demónio?»⁴⁹Respondeu Jesus: «Eu não tenho um demónio; pelo contrário, honro o meu Pai, mas vós desonrais-me!⁵⁰Eu não procuro a minha glória; há quem a procure e faça de juiz!⁵¹Em verdade, em verdadeⁱ vos digo: se alguém guardar a minha palavra, jamais verá a morte^k». ⁵²Disseram-lhe, então, os judeus: «Agora sabemos que tens mesmo um demónio! Abraão morreu, os profetas também, e Tu dizes: “Se alguém guardar a minha palavra, jamais provará a morte”!⁵³Serás Tu maior que o nosso Pai Abraão, que morreu? Os profetas também morreram. Quem pretendes ser?»^l. ⁵⁴Respondeu Jesus: «Se Eu me glorificasse a mim mesmo, a minha glória de nada valeria. É o meu Pai quem me glorifica, Aquele de quem dizeis: “É nosso Deus”,⁵⁵mas que não conheceis; Eu, porém, conheço-o. Se dissesse que não o conheço seria um mentiroso igual a vós; mas conheço-o e guardo a sua palavra. ⁵⁶Abraão, o vosso pai, exultou por ver o meu dia; viu-o e alegrou-se». ⁵⁷Disseram-lhe, então, os judeus: «Nem sequer tens cinquenta anos e viste Abraão?»⁵⁸. Jesus respondeu-lhes: «Em verdade, em verdade vos digo: antes que Abraão existisse, *Eu Sou*^m». ⁵⁹Pegaram, então, em pedras para lhe atirar, mas Jesus ocultou-se e saiu do templo.

Cura do cego de nascençaⁿ – ¹Ao passar, Jesus^o viu um homem cego de nascença. ²Os seus discípulos perguntaram-lhe^p: «Rabi, quem pecou para que tivesse nascido cego? Ele ou os seus pais?»^q. ³Jesus respondeu: «Nem ele pecou, nem os seus pais; no entanto, aconteceu assim para que nele se manifestem as obras de Deus. ⁴É necessário que realizemos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia. É que está a chegar a noite, em que ninguém as pode realizar. ⁵Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo».

⁶Dito isto, cuspiu na terra, fez lama com a saliva^r, untou-lhe os olhos com a lama ⁷e disse-lhe: «Vai lavar-te na piscina de Siloé» – que significa «Enviado»^s. Ele foi, lavou-se e regressou a ver.

^h Lit.: *responderam os judeus e disseram-lhe*.

ⁱ Lit.: *julgue*. Cf. 3,17 nota.

^j Lit.: *amén amén*, tal como no v.58 (cf. Mt 5,18 nota).

^k O grego acrescenta *para o século*, expressão que parece referir-se à morte eterna (o mesmo no final do v.52).

^l Lit.: *O que fazes de ti mesmo?*

^m Cf. v.24 nota.

ⁿ O episódio serve de conclusão (com 10,1-21) às afirmações de Jesus durante a Festa das Tendias (cf. 7,2 nota).

^o *Jesus* é acrescentado da tradução.

^p O grego acrescenta *dizendo*.

^q Havia quem entendesse a doença como consequência do pecado. Tratando-se de um cego de nascença, essa mentalidade atribuía o pecado aos pais. Jesus recusa tal lógica retributiva.

^r Evocação da criação do homem (Gn 2,7): a saliva no pó (como o Criador com o hálito) comunica vida; o que Jesus vai realizar é equiparável ao gesto primordial de Deus. O episódio tem uma conotação batismal.

^s Jesus é o verdadeiro Enviado do Pai (3,17; 5,24.36-38; 8,42; 9,7; 11,42; 17,8.21-25).

⁸Então os vizinhos e os que antes o costumavam ver a mendigar^a diziam: «Não é este o que estava sentado a mendigar?». ⁹Uns diziam: «É este»; outros afirmavam: «Não é, mas é parecido com ele». Ele, porém, dizia: «Sou eu». ¹⁰Diziam-lhe, então: «Como é que se te abriram os olhos?». ¹¹Ele respondeu: «O homem chamado Jesus fez lama, untou-me os olhos e disse-me: “Vai a Siloé e lava-te”. Fui e, depois de me ter lavado, comecei a ver». ¹²Disseram-lhe: «Onde está Ele?». Ele respondeu: «Não sei».

¹³Levaram aos fariseus o que tinha sido cego. ¹⁴Ora, era sábado^b o dia em que Jesus fizera lama e lhe tinha aberto os olhos. ¹⁵De novo lhe perguntaram também os fariseus como tinha começado a ver. Ele respondeu-lhes: «Pôs-me lama nos olhos, lavei-me e agora vejo». ¹⁶Diziam, então, alguns fariseus: «Esse homem não vem de Deus, porque não guarda o sábado». Mas outros observavam: «Como pode um pecador^c realizar tais sinais?». E havia divisão entre eles. ¹⁷Disseram, de novo, ao cego: «Tu, que dizes dele, visto que te abriu os olhos?». Ele respondeu: «É um profeta».

¹⁸Mas os judeus não acreditaram que ele tivesse sido cego e começado a ver, até que chamaram os seus pais^{d19} e lhes perguntaram^c: «É este o vosso filho, que vós dizeis ter nascido cego? Então como é que agora vê?». ²⁰Os pais responderam^f: «Sabemos que este é o nosso filho e que nasceu cego; ²¹mas não sabemos como é que agora vê, nem quem lhe abriu os olhos. Perguntai-lhe; já tem idade para falar por si próprio». ²²Os seus pais disseram isto porque tinham medo dos judeus. De facto, os judeus já tinham combinado que, se alguém confessasse que Jesus era o Cristo^g, fosse expulso da sinagoga. ²³Foi por isso que os seus pais disseram: «Já tem idade; perguntai-lhe».

²⁴Chamaram, então, pela segunda vez, o homem que tinha sido cego e disseram-lhe: «Dá glória a Deus^h! Nós sabemos que esse homem é um pecador». ²⁵Ele respondeu: «Se é um pecador, não sei; apenas sei uma coisa: eu era cego e agora vejo».

²⁶Disseram-lhe, então: «Que te fez Ele? Como te abriu os olhos?». ²⁷Respondeu-lhes: «Já vo-lo disse e não me ouvistes! Por que razão o quereis ouvir de novo? Será que também vos quereis tornar seus discípulos?». ²⁸Eles começaram a insultá-lo e disseram: «Tu é que és seu discípulo; nós somos discípulos de Moisés. ²⁹Nós sabemos que Deus falou a Moisés; mas Esse não sabemos de onde é». ³⁰Respondeu-lhes o homemⁱ: «Pois o que há de surpreendente nisto é que vós não saibais de onde Ele é, e que, no entanto, me tenha aberto os olhos! ³¹Sabemos que Deus não escuta

^a Lit.: *porque era mendigo*.

^b Tal como em 5,1ss.

^c Lit.: *um homem pecador*.

^d O grego acrescenta *do que tinha começado a ver*.

^e O grego acrescenta *dizendo*.

^f Lit.: *responderam então, os pais dele e disseram*.

^g Lit.: *o confessasse Cristo*.

^h Fórmula rabínica para admoestar quem se pensa ter mentido, no sentido de: *Honra Deus, dizendo a verdade!* (cf. Is 7,19).

ⁱ Lit.: *respondeu o homem e disse-lhes*.

os pecadores, mas escuta quem o teme e faz a sua vontade^j.³² Nunca se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos de um cego de nascença! ³³Se Ele não viesse de Deus, nada poderia fazer». ³⁴Eles replicaram-lhe^k: «Tu nasceste todo em pecados e pretendes ensinar-nos?»^l. E expulsaram-no.

³⁵Jesus ouviu dizer que o tinham expulsado e, quando o encontrou, disse-lhe: «Tu acreditas no Filho do Homem?»^m. ³⁶Ele respondeu: «E quem é, Senhor, para que acredite nele?»ⁿ. ³⁷Disse-lhe Jesus: «Já o viste: é Aquele que fala contigo». ³⁸Ele afirmou, então: «Acredito, Senhor!». E prostrou-se diante dele^o.

³⁹Disse Jesus: «Foi para um juízo^o que Eu vim a este mundo: para que aqueles que não veem, vejam, e aqueles que veem, se tornem cegos». ⁴⁰Alguns dos fariseus que estavam com Ele ouviram isto e disseram-lhe: «Será que também nós somos cegos?»^p. ⁴¹Respondeu-lhes Jesus: «Se fôsseis cegos, não teríeis pecado algum; mas como dizeis “vemos”, o vosso pecado permanece».

10 Jesus, porta e bom pastor^p – ¹«Em verdade, em verdade^q vos digo: aquele que não entra pela porta no redil das ovelhas, mas sobe por outro lado, é ladrão e salteador. ²Mas aquele que entra pela porta é o pastor das ovelhas. ³A este o porteiro abre a porta^r, e as ovelhas escutam a sua voz; chama pelo nome as ovelhas que lhe pertencem e condu-las para fora^s. ⁴Quando fez sair todas as que lhe pertencem, caminha à sua frente, e as ovelhas seguem-no, porque reconhecem a sua voz. ⁵Jamais seguirão um estranho; pelo contrário, fugirão dele, porque não reconhecem a voz dos estranhos». ⁶Jesus falou-lhes nesta linguagem figurada^t, mas eles não compreenderam o que lhes dizia.

⁷Então Jesus disse-lhes ainda: «Em verdade, em verdade^u vos digo: Eu sou a porta das ovelhas. ⁸Todos os que vieram antes de mim são ladrões e salteadores, mas as ovelhas não os escutaram. ⁹Eu sou a porta: se alguém entrar por mim, será salvo; há

^j Lit.: *mas se alguém for temente de Deus e fizer a sua vontade, a esse o ouve.*

^k Lit.: *responderam e disseram-lhe.*

^l Lit.: *e tu ensinas-nos?*

^m Lit.: *respondeu aquele e disse.*

ⁿ No sentido de *adorou-o*, como em todas as ocorrências deste verbo grego em Jo (4,20.21.22.23.24; 12,20); o gesto expressa reconhecimento da divindade de Jesus.

^o No contexto, o grego *kríma* tem um sentido mais de *discernimento* do que *juízo*, na medida em que perante Jesus é preciso tomar uma decisão (cf. 3,17 nota).

^p Jesus utiliza duas imagens para falar da sua natureza e relação com os discípulos: é não só o *pastor* anunciado pelos profetas (Ez 34,1-31; Zc 11,4-17; Jr 23,1-3) que conduz as ovelhas à vida divina, como é a única *porta*, através da qual tal pode acontecer.

^q Lit.: *amén amén* (cf. Mt 5,18 nota).

^r *Porta* é acresceto da tradução.

^s Os pastores recolhiam as suas ovelhas em grandes recintos comuns; de manhã cada um chamava pelas suas, as únicas que reconheciam a sua voz e, por isso, o seguiam.

^t Palavra de difícil tradução, equivalente ao *mashal* hebraico: não se trata de uma parábola, nem de uma alegoria, mas de algo intermédio.

^u Lit.: *amén amén* (cf. Mt 5,18 nota).

de entrar e sair e encontrará pastagem. ¹⁰O ladrão não vem senão para roubar, matar e destruir; Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância^a.

¹¹Eu sou o bom pastor^b: o bom pastor dá a sua vida^c pelas ovelhas. ¹²O assalariado, que não é pastor e a quem não pertencem as ovelhas, vê vir o lobo, abandona as ovelhas e foge – e o lobo arrebatá-as e dispersa-as –, ¹³porque é um assalariado e não se preocupa com as ovelhas. ¹⁴Eu sou o bom pastor: conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem-me^d, ¹⁵tal como o Pai me conhece e Eu conheço o Pai, e dou a minha vida pelas ovelhas.

¹⁶E tenho outras ovelhas que não são deste redil. É necessário que Eu conduza também essas; elas ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor. ¹⁷É por isso que o Pai me ama: porque Eu dou a minha vida, para depois a retomar. ¹⁸Ninguém ma tira; sou Eu que por mim mesmo a dou. Tenho poder para a dar e tenho poder para a retomar. Foi este o mandamento que recebi do meu Pai».

¹⁹Gerou-se de novo uma divisão entre os judeus, por causa destas palavras. ²⁰Muitos deles diziam: «Tem um demónio e está louco! Porque o ouvís?». ²¹Outros afirmavam: «Estas palavras não são de um endemoniado! Como pode um demónio abrir os olhos aos cegos?».

Festa da Dedicção do Templo (10,22-42)

Jesus declara-se Filho de Deus – ²²Celebrava-se^e, então, em Jerusalém, a Festa da Dedicção do Templo^f. Era inverno. ²³Jesus caminhava no templo, no pórtico de Salomão. ²⁴Os judeus rodearam-no e começaram a dizer-lhe: «Até quando nos manterás em suspenso^g? Se és Tu o Cristo, diz-nos com clareza». ²⁵Respondeu-lhes Jesus: «Já vos disse e não acreditais. As obras que Eu realizo em nome do meu Pai dão testemunho de mim. ²⁶No entanto, vós não acreditais, porque não sois das minhas ovelhas. ²⁷As minhas ovelhas escutam a minha voz; Eu conheço-as, e elas seguem-me. ²⁸E Eu dou-lhes a vida eterna: jamais hão de morrer^h, e ninguém as arrebatará

^a Refere-se à vida divina; a finalidade da vinda de Jesus é oferecê-la.

^b Ou *pastor belo*, que se pode interpretar no sentido de ser modelo, cuja característica é especificada na afirmação seguinte: *dar a vida pelas ovelhas*.

^c Lit.: *põe a sua vida* (como algo que Jesus pode tirar e recuperar: v.17). Jesus oferece a sua vida biológica (*psykhê*), para que os seus discípulos possam receber a vida divina (*zôê*: v.10).

^d *Ovelhas* é, nas duas ocorrências no v., acrescento da tradução.

^e Lit.: *aconteceu*.

^f A Festa da Consagração ou Dedicção do Templo (*Hanukkāb*) celebrava-se dois meses após a das Tendas, para festejar a consagração do templo, depois de profanado por Antíoco IV Epifânio: colocou sobre o altar dos holocaustos, durante três anos (167-164 a.C.), o ídolo *Baal Shamayim*, versão oriental de Zeus, o supremo deus grego (1Mac 1,54; 2Mac 6,1-7). Na celebração, o povo proclamava: *Nunca mais!* Jesus apresenta-se como o verdadeiro *consagrado/dedicado*: é nele, *que o Pai consagrou e enviou ao mundo* (v.36), e já não no templo, que se manifesta a presença de Deus (10,30; cf. 2,19-22).

^g Lit.: *Até quando levantas a nossa alma?*

^h O grego acrescenta *para o século* (cf. 8,51 nota).

da minha mão. ²⁹O meu Pai, que mas deu, é maior do que todos: ninguém as pode arrebatara da mão do Pai. ³⁰Eu e o Pai somos um».

³¹Os judeus pegaram novamente em pedras para o apedrejarⁱ. ³²Replicou-lhes Jesus: «Mostrei-vos muitas obras boas da parte do Pai: por qual dessas obras me quereis apedrejar?» ³³Os judeus responderam-lhe: «Não é por causa de uma boa obra que te queremos apedrejar, mas por blasfêmia, porque Tu, sendo homem, te fazes Deus». ³⁴Retorquiu-lhes Jesus: «Não está escrito na vossa Lei: *Eu disse: vós sois deuses*? ³⁵Ora, se chamou deuses àqueles para quem veio a palavra de Deus – e a Escritura não pode ser destruída –, ³⁶a respeito daquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo vós dizeis: “Estás a blasfemar”, porque disse: “Sou Filho de Deus”? ³⁷Se não realizo as obras do meu Pai, não acrediteis em mim; ³⁸mas se as realizo, mesmo que não acrediteis em mim, acreditai nas obras, para que reconheçais e saibais^k que o Pai está em mim e Eu estou no Pai». ³⁹Procuravam, então, de novo prendê-lo, mas Ele escapou-se das suas mãos.

⁴⁰E partiu novamente para a outra margem do Jordão, para o lugar onde João tinha estado primeiramente a batizar, e ali permaneceu. ⁴¹Muitos foram ter com Ele e diziam: «João não realizou sinal algum, mas tudo quanto João disse acerca deste homem^l era verdade». ⁴²E, ali, muitos acreditaram nele.

VI PEREGRINAÇÃO PARA A TERCEIRA E DERRADEIRA PÁSCOA (11,1-12,50)^m

11 Ressurreição de Lázaro – ¹Estava doente um certo homem, Lázaro de Betânia, povoação de Maria e de Marta, sua irmã. ²Maria era aquela que tinha ungido o Senhor com bálsamo e lhe tinha secado os pés com os cabelosⁿ. Era o seu irmão Lázaro quem estava doente. ³As irmãs mandaram, então, dizer a Jesus^o: «Senhor, o teu amigo está doente^p». ⁴Ao ouvir isto, Jesus disse: «Essa doença não

ⁱ Ironia joanina: os judeus que, durante a festa, gritavam «nunca mais!» permitir a profanação do templo, prepararam-se para profanar Jesus, verdadeira presença do Pai.

^j Sl 82,6.

^k *Reconheçais e saibais* traduzem duas formas do mesmo verbo grego: a primeira forma verbal indica algo que é necessário começar, e a segunda a consequência da primeira ação.

^l *Homem* é acrescento da tradução.

^m 11,1-12,50 é uma secção de transição entre o *Livro dos Sinais*, concluído com um balanço da vida pública de Jesus (12,37-43), e o *Livro da Hora da Peregrinação Gloriosa para o Pai* (13,1-20,29), que acontece no contexto da peregrinação de Jesus para a celebração da Páscoa derradeira. A viagem é antecipada pela morte de Lázaro (11,1), tal como a sua ressurreição antecipa e ilumina a morte e ressurreição de Jesus.

ⁿ Episódio narrado apenas em 12,3, mas referido antecipadamente talvez porque a comunidade já o conhecia quando o evangelho foi escrito.

^o Lit.: *dizer-lhe*.

^p Lit.: *vê/eis (que) aquele de quem é amigo está doente*.

leva à morte, mas é para a glória de Deus, para que por meio dela seja glorificado o Filho de Deus»^a. ⁵Jesus amava Marta, a sua irmã Maria^b e Lázaro. ⁶No entanto, mesmo depois de ouvir que ele estava doente, permaneceu ainda dois dias no lugar onde se encontrava. ⁷Só depois é que disse aos discípulos: «Vamos de novo para a Judeia». ⁸Os discípulos disseram-lhe: «Rabi, ainda agora os judeus procuravam apedrejar-te, e vais novamente para lá?». ⁹Jesus respondeu: «Não são doze as horas do dia? Se alguém caminhar durante o dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo; ¹⁰mas se alguém caminhar durante a noite, tropeça, porque não tem consigo a luz». ¹¹Depois de lhes dizer isto, acrescentou: «Lázaro, o nosso amigo, adormeceu, mas Eu vou para o despertar». ¹²Disseram-lhe os discípulos: «Senhor, se adormeceu, há de salvar-se». ¹³Ora, Jesus tinha falado da morte de Lázaro^d, mas eles pensaram que estivesse a falar do adormecimento do sono. ¹⁴Jesus disse-lhes, então, com clareza: «Lázaro morreu! ¹⁵E alegro-me, por vós, que não tenha estado lá, para que acrediteis. Mas vamos ter com ele». ¹⁶Disse, então, Tomé, chamado Gémeo^e, aos condiscípulos: «Vamos também nós, para morrermos com Ele!».

¹⁷Ao chegar, Jesus encontrou-o há já quatro dias no sepulcro. ¹⁸Betânia ficava perto de Jerusalém, a cerca de quinze estádios^f, ¹⁹e muitos judeus tinham vindo ter com Marta e Maria, para as confortar por causa do irmão. ²⁰Quando Marta ouviu dizer que Jesus estava a chegar, foi ao seu encontro. Maria, porém, ficou sentada em casa. ²¹Disse, então, Marta a Jesus: «Senhor, se tivesses estado aqui, o meu irmão não teria morrido. ²²Mas também sei que, mesmo agora, tudo o que pedires a Deus, Deus to concederá». ²³Disse-lhe Jesus: «O teu irmão ressuscitará». ²⁴Marta respondeu: «Sei que há de ressuscitar na ressurreição, no último dia». ²⁵Disse-lhe Jesus: «Eu sou a ressurreição e a vida; quem acredita em mim, ainda que morra, viverá; ²⁶e todo aquele que vive e acredita em mim jamais morrerá^g. Acreditas nisto?»^h. ²⁷Ela respondeu-lhe: «Sim, Senhor, eu acredito que Tu és o Cristo, o Filho de Deus que estava para vir ao mundo».

²⁸Dito isto, foi chamar Maria, sua irmã, dizendo-lhe em segredo: «O Mestre está aqui e chama-te». ²⁹Quando ela ouviu isto, levantou-se depressa e foi ter com Ele. ³⁰Jesus não tinha ainda chegado à povoação; continuava no lugar onde Marta tinha ido ao seu encontro. ³¹Então os judeus que estavam com ela em casa e que a confortavam, ao verem Maria levantar-se e sair tão depressa, seguiram-na, pensando que fosse ao sepulcro, para ali chorar.

^a A morte e revivificação de Lázaro confirmam o que Jesus dissera acerca do poder que tem sobre a sua própria vida e a morte (10,18), bem como o de conceder a vida divina (10,10); o episódio é uma antecipação da *bora* da glorificação de Jesus, que acontecerá na sua morte e ressurreição (cf. 12,23ss).

^b Lit.: e a irmã dela.

^c Lit.: Disse-lhes estas coisas e depois disto disse-lhes.

^d Lit.: dele.

^e Lit.: *Didímo*, tradução grega de *Tomé* em aramaico.

^f C. 3 km.

^g O grego acrescenta *para o século* (cf. 8,51 nota).

^h Cf. v.4 nota. A pergunta a Marta é feita também ao leitor, que no batismo recebeu a vida divina.

³²Quando Maria chegou aonde Jesus estava, ao vê-lo, caiu a seus pés, dizendo-lhe: «Senhor, se tivesses estado aqui, o meu irmão não teria morrido». ³³Então Jesus, quando a viu chorar, e que choravam também os judeus que a acompanhavam, moveu-se profundamente e ficou perturbado. ³⁴E perguntou: «Onde o pusestes?». Responderam-lhe: «Senhor, vem e vê». ³⁵E Jesus começou a chorar. ³⁶Diziam, então, os judeus: «Vede como era seu amigo!». ³⁷Mas alguns deles disseram: «Então Ele, que abriu os olhos ao cego, não podia ter feito com que Lázaro não morresse?».

³⁸Jesus, de novo profundamente comovido, dirigiu-se ao sepulcro. Era uma gruta, fechada com uma pedra^k. ³⁹Disse Jesus: «Retirai a pedra». Respondeu-lhe Marta, a irmã do defunto: «Senhor, já cheira mal, pois há quatro dias que está aqui». ⁴⁰Disse-lhe Jesus: «Não te disse que, se acreditares, verás a glória de Deus?». ⁴¹Retiraram, então, a pedra. Jesus levantou os olhos ao alto e disse: «Pai, dou-te graças, porque me ouviste. ⁴²Eu já o sabia, porque sempre me ouves, mas disse-o por causa da multidão que me rodeia, para que acreditem que Tu me enviaste». ⁴³Dito isto, clamou com voz forte: «Lázaro, vem para fora!»^l. ⁴⁴O morto saiu, com as mãos e os pés enfaixados com ligaduras, e o rosto envolvido num sudário. Disse-lhes Jesus: «Desligai-o e deixai-o sair daqui^m».

O Sinédrio decide a morte de Jesus (Mt 26,57-68; Mc 14,53-65; Lc 23,66-71) – ⁴⁵Então muitos dos judeus que tinham vindo ter com Maria, ao verem o que fizera, acreditaram nele. ⁴⁶Mas alguns deles foram ter com os fariseus e contaram-lhes o que Jesus tinha feito.

⁴⁷Os chefes dos sacerdotes e os fariseus reuniram, então, o sinédrio e diziam: «Que havemos de fazer, uma vez que este homem realiza tantos sinais? ⁴⁸Se o deixamos continuar assim, todos acabarão por acreditar nele; virão os romanos e destruirão o nosso lugar santoⁿ e a nossa nação». ⁴⁹Mas um deles, Caifás, que era sumo sacerdote naquele ano, disse-lhes: «Vós não percebeis nada! ⁵⁰Não compreendeis que é melhor para vós que morra um só homem pelo povo do que pereça toda a nação?». ⁵¹Não disse isto por si mesmo, mas, sendo sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus ia morrer pela nação; ⁵²e não só pela nação, mas também para congregar na unidade os filhos de Deus dispersos.

ⁱ Embora sublinhe fortemente a natureza divina de Jesus, Jo não deixa de recordar ao leitor que Jesus é verdadeiramente homem: como Filho de Deus ressuscitará Lázaro, como ser humano move-se com a morte do amigo e o sofrimento de Marta e Maria.

^j Lit.: *ele*.

^k Lit.: *era uma gruta e uma pedra posta sobre ela*.

^l Tal como na Criação (Gn 1,3ss), a Palavra é de tal maneira poderosa que basta ser pronunciada para realizar o que significa (Jo 1,2).

^m *Daqui* é acrescento da tradução.

ⁿ *Santo* é acrescento da tradução por se tratar do templo (cf. Mt 24,15).

⁵³Assim, a partir desse dia, resolveram dar-lhe a morte. ⁵⁴Por isso, Jesus já não andava publicamente entre os judeus, mas partiu dali para a região próxima do deserto, para uma cidade chamada Efraim, e ali permaneceu com os discípulos.

⁵⁵Ora, estava próxima a Páscoa dos judeus e, da região, muitos subiram a Jerusalém para se purificarem, antes da Páscoa. ⁵⁶Procuravam, então, Jesus e diziam uns aos outros, enquanto estavam no templo: «Que vos parece? Não virá para a festa?». ⁵⁷Os chefes dos sacerdotes e os fariseus tinham dado ordens para que, se alguém soubesse onde Ele estava, o desse a conhecer, para o prenderem.

12 **A unção em Betânia (Mt 26,6-13; Mc 14,3-9; Lc 7,36-50)** – ¹Seis dias antes da Páscoa^a, Jesus foi a Betânia, onde vivia Lázaro, que Ele^b ressuscitara dos mortos. ²Ofereceram-lhe ali uma ceia: Marta andava a servir, e Lázaro era um dos que estavam reclinados à mesa com Ele.

³Então Maria, tomando uma libra^c de bálsamo de nardo puro, muito caro, ungiu os pés de Jesus e secou-lhos^d com os seus cabelos. A casa encheu-se do odor do bálsamo. ⁴Disse Judas Iscariotes, um dos seus discípulos, aquele que o ia entregar: ⁵«Por que razão não se vendeu esse bálsamo por trezentos denários^e para se dar aos pobres?». ⁶Disse isto não porque se preocupasse com os pobres, mas porque era ladrão e, como tinha a bolsa do dinheiro, tirava o que nela se depositava. ⁷Disse, então, Jesus: «Deixa-a! Ela tinha-o guardado para o dia da minha sepultura. ⁸Pois pobres sempre os haveis de ter convosco, mas a mim nem sempre tereis».

⁹Entretanto, um numeroso grupo^f de judeus soube que Ele se encontrava ali e vieram, não só por causa de Jesus, mas também para ver Lázaro, que ressuscitara dos mortos. ¹⁰Os chefes dos sacerdotes resolveram, então, dar a morte também a Lázaro, ¹¹porque, por sua causa, muitos judeus se estavam a afastar e a acreditar em Jesus.

Entrada messiânica em Jerusalém (Mt 21,1-11; Mc 11,1-11; Lc 19,29-40) – ¹²No dia seguinte, a numerosa multidão que tinha vindo para a festa, ao ouvir dizer que Jesus estava a chegar a Jerusalém, ¹³apanhou ramos de palmeira, saiu ao seu encontro, e pôs-se a gritar:

Hossana!

Bendito o que vem em nome do Senhor,

^a A vida pública de Jesus começou numa semana cuidadosamente apresentada, que culminou com a antecipação da manifestação da glória em Caná, prenúncio da aliança messiânica (cf. 1,19-2,12 nota); o final da vida terrena de Jesus é também cuidadosamente apresentado, criando no leitor uma expectativa crescente, que culminará na sua glorificação pela morte e ressurreição.

^b Lit.: *Jesus*.

^c C. 300 gramas.

^d Lit.: *secou os pés dele*.

^e Um denário (moeda romana de prata) era o pagamento normal por um dia de trabalho (Mt 20,2-13).

^f Lit.: *muita multidão*.

o rei de Israel^g.

¹⁴Jesus encontrou um jumentinho e montou-se nele, tal como está escrito:

¹⁵*Não tenhas medo, filha de Sião!*

*Eis que vem o teu rei,
montado na cria de uma jumenta*^h.

¹⁶A princípio os seus discípulos não compreenderam isto, mas, quando Jesus foi glorificado, recordaram-se de que isto estava escrito acerca dele e de que foi isto mesmo o que lhe fizeram.

¹⁷Ora, a multidão, que tinha estado com Ele quando chamou Lázaro para fora do sepulcro e o ressuscitou dos mortos, dava testemunho do que tinha vistoⁱ. ¹⁸Foi também por causa disto que a multidão veio ao seu encontro: porque ouviu dizer que Ele tinha realizado esse sinal. ¹⁹Os fariseus disseram, então, entre si: «Vede como nada conseguis! O mundo^j vai atrás dele!».

Os gregos querem ver Jesus – ²⁰Entre os que tinham subido a Jerusalém^k para adorar durante a festa, havia alguns gregos^l. ²¹Estes foram ter com Filipe, que era de Betsaida da Galileia, e pediram-lhe^m: «Senhor, queremos ver Jesus»ⁿ. ²²Filipe foi dizê-lo a André, e André e Filipe foram dizê-lo a Jesus. ²³Em resposta, Jesus disse-lhes: «Chegou a hora^o de o Filho do Homem ser glorificado. ²⁴Em verdade, em verdade^p vos digo: se o grão de trigo, ao cair na terra, não morrer, permanece só; mas, se morrer, dará muito fruto. ²⁵Quem ama a sua vida acaba por perdê-la; mas quem menospreza^q a sua vida neste mundo há de conservá-la para a vida eterna^r. ²⁶Se alguém me quiser servir, que me siga, e onde Eu estou, aí estará também o meu servidor. Se alguém me quiser servir, o Pai o honrará. ²⁷Agora *a minha alma está perturbada*! E que direi? Pai, salva-me desta hora? Mas foi por causa disto que Eu vim: para esta hora!

^g Sl 118,25s. Trata-se de uma conceção muito política da missão do Messias. Sobre o significado de *bossana*, cf. Mc 11,9 nota.

^h Combinação de vários textos proféticos: Zc 9,9; Is 40,9; Sf 3,14s.

ⁱ *Do que tinha visto* é acrescento da tradução.

^j O grego antepõe *eis* (*que*) (lit.: *vê*; cf. Mt 2,13 nota).

^k *A Jerusalém* é acrescento da tradução.

^l Trata-se de prosélitos, isto é, não-judeus convertidos ao judaísmo.

^m O grego acrescenta *dizendo*.

ⁿ Quando têm por objeto Jesus (ou o Pai, ou o reino ou outra realidade espiritual), os verbos de visão expressam habitualmente experiências e percursos de fé (por ex.: 3,3; 9,37; 14,9; 19,37).

^o É a *hora* para que tende todo o evangelho, razão da encarnação de Jesus (v.27); o seu levantamento/crucificação permitirá que todos o possam *ver* (19,37) e a Ele sejam atraídos (v.32), ou seja, recebam, pela fé no Filho de Deus, a salvação (3,16s).

^p Lit.: *amén amén* (cf. Mt 5,18 nota).

^q Lit.: *quem odeia*. Na mentalidade semita, o verbo não tem a radicalidade que possui no português; trata-se de menosprezar uma coisa em relação a outra mais importante (cf. Mt 5,43 nota).

^r *Vida* traduz dois termos gregos diferentes presentes no v.: *psykhé*, a vida biológica; *zōé*, a vida eterna, própria de Deus.

^s Sl 6,4.

^t Evocação da angústia do Getsémani sinóptico (Mc 14,32ss).

²⁸Pai, glorifica o teu nome!»^a. Veio, então, uma voz do céu: «Glorifiquei e de novo hei de glorificar!».

²⁹Entre a multidão que estava presente e que ouvira isto, uns diziam que tinha sido um trovão, enquanto outros afirmavam: «Foi um anjo que lhe falou». ³⁰Jesus disse^b: «Esta voz não surgiu por minha causa, mas por vossa causa. ³¹É agora o julgamento^c deste mundo; é agora que o Príncipe deste mundo^d vai ser expulso. ³²E Eu, quando for elevado da terra^e, atrairei todos a mim». ³³Dizia isto assinalando com que género de morte ia morrer. ³⁴Respondeu-lhe, então, a multidão: «Nós ouvimos na Lei que o Cristo permanecerá para sempre. Como podes Tu dizer que é necessário o Filho do Homem ser elevado? Quem é esse Filho do Homem?».

³⁵Disse-lhes Jesus: «É por pouco tempo que a luz ainda está entre vós. Caminhai enquanto tendes a luz, para que as trevas não se apoderem de vós^f. Quem caminha nas trevas não sabe para onde vai. ³⁶Enquanto tendes a luz, acreditai na luz, para vos tornardes filhos da luz». Jesus disse estas coisas e depois partiu e escondeu-se deles.

Conclusão narrativa do Livro dos Sinais: a falta de fé dos judeus – ³⁷Apesar de ter realizado diante deles tantos sinais, não acreditavam nele, ³⁸para que assim se cumprisse a palavra do profeta Isaías, que disse:

Senhor, quem acreditou no que ouviu de nós?

E a força do Senhor a quem foi revelada^g?

³⁹Eles não podiam acreditar por causa daquilo que Isaías também disse:

⁴⁰*Cegou-lhes os olhos,
e endureceu-lhes o coração,
para que não vejam com os olhos,
não entendam com o coração
e não se convertam,
e Eu os cure^h.*

⁴¹Isaías disse isto porque viu a sua glória e pôde assim falar acerca dele.

⁴²Apesar de tudo, também entre os chefes muitos acreditaram nele, mas não o confessavam por causa dos fariseus, para não serem expulsos da sinagoga. ⁴³De facto, amaram mais a glória dos homens do que a glória de Deusⁱ!

^a Sobre *nome*, cf. 1,12 nota.

^b Lit.: *respondeu Jesus e disse*.

^c Cf. 3,17 nota.

^d Isto é, Satanás (cf. 14,30).

^e Cf. notas de 3,14-15; 12,23; 21,5.

^f Cf. 1,5.

^g Is 53,1. Lit.: *o braço do Senhor*; trata-se de um semitismo, que sublinha a força exercida.

^h Is 6,9s (cf. Mt 13,13; Mc 4,12; Lc 8,10).

ⁱ A primeira parte do evangelho parece terminar originalmente aqui; os vv. que se seguem ligam melhor com o v.36a. A afirmação é um desafio ao leitor: amar a glória de Deus acima de tudo e professar abertamente a fé em Jesus.

Conclusão discursiva do Livro dos Sinais: a fé que salva – ⁴⁴Então Jesus clamou e disse: «Quem acredita em mim, não acredita em mim, mas naquele que me enviou. ⁴⁵E quem me vê, vê Aquele que me enviou. ⁴⁶Eu vim ao mundo como luz, para que todo aquele que acredita em mim não permaneça nas trevas. ⁴⁷E se alguém ouvir as minhas palavras e não as guardar, Eu não o condeno^j, pois não vim para condenar o mundo, mas para salvar o mundo. ⁴⁸Quem me rejeita e não acolhe as minhas palavras tem quem o condene: a Palavra que Eu anunciei; é ela que o há de condenar no último dia. ⁴⁹Porque Eu não falei por mim mesmo; pelo contrário, foi o Pai, que me enviou, quem me deu o mandamento de tudo o que devia dizer e falar^k. ⁵⁰E Eu sei que o seu mandamento é vida eterna. Portanto, as coisas que Eu digo, digo-as tal como o Pai me as disse a mim».

Segunda Parte LIVRO DA HORA DA PEREGRINAÇÃO GLORIOSA PARA O PAI (13,1-20,29)

JESUS E OS DISCÍPULOS: A ÚLTIMA CEIA (13-14; 15-17)^l

13^o lava-pés – ¹Antes da Festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até à consumação^m. ²Durante a ceia, quando o Diabo já tinha lançado no coração de Judas, filho de Simão Iscariotes, a decisão de o entregar, ³Jesusⁿ, sabendo que o Pai tudo lhe colocara nas mãos e que de Deus saíra e para Deus voltava, ⁴levantou-se da ceia, tirou as vestes e, tomando uma toalha, atou-a à cintura. ⁵Depois deitou água na bacia e começou a lavar os pés dos discípulos e a secá-los com a toalha que tinha atado à cintura^o. ⁶Chegou, então, a Simão Pedro,

^j De acordo com a teologia joanina, a condenação não acontece por castigo e como decisão divina, mas pela recusa da palavra de Jesus (v.48) e da salvação que só Ele pode oferecer; por isso, trata-se de uma auto-condenação. Para a tradução de *condenar/condenação* (vv.47.48), cf. 3,17 nota.

^k Lit.: *deu mandamento do que dizer e do que falar*.

^l Os temas apresentados nos caps. 13-14 são relidos nos caps. 15-16, que expressam uma fase posterior da comunidade, quando esta vive o drama das perseguições; o cap. 17 relê a oração de Jesus à luz da necessidade de a comunidade se manter unida. O que Jesus promete ou pede nesta secção (13-17) encontra a sua realização no encontro do Ressuscitado com os discípulos (20,19-29).

^m A consumação (*têlos: fim/consumação*) realizar-se-á na cruz (*tetêlestai: está consumado* – 19,28.30). De notar a insistência no *saber* de Jesus (vv.1.3): a consciência de que regressa ao Pai (cf. 3,13), levando à consumação o seu amor salvífico (cf. 3,14-16), depois da recíproca entrega da Mãe e do Discípulo Amado. Então poderá declarar: *Está consumado* (cf. 19,27 nota).

ⁿ *Jesus* é acrescento da tradução.

^o Lavar os pés a outros era próprio de escravos não judeus. Daí a repulsa de Pedro. Trata-se de um gesto simbólico, que antecipa a morte de Jesus e representa toda a sua vida: despojou-se da sua dignidade

que lhe disse: «Senhor, Tu vais lavar-me os pés?». ⁷Jesus respondeu-lhe^a: «O que Eu estou a fazer, tu não o podes compreender agora, mas entendê-lo-ás depois». ⁸Disse-lhe Pedro: «Jamais me lavarás os pés^b!». Respondeu-lhe Jesus: «Se não te lavar, não terás parte comigo»^c. ⁹Simão Pedro replicou: «Senhor, então não só os pés, mas também as mãos e a cabeça». ¹⁰Disse-lhe Jesus: «Quem tomou banho não tem necessidade de lavar senão os pés, pois está inteiramente limpo^d. E vós estais limpos, mas não todos». ¹¹De facto, Ele bem sabia quem o havia de entregar; por isso, disse: «Nem todos estais limpos».

¹²Depois de lhes ter lavado os pés, tomou as suas vestes, reclinou-se de novo à mesa, e disse-lhes: «Entendeis o que vos fiz? ¹³Vós chamais-me “o Mestre” e “o Senhor” e dizeis bem, porque o sou. ¹⁴Ora, se Eu, “o Senhor” e “o Mestre”, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. ¹⁵Dei-vos o exemplo, para que, assim como Eu vos fiz, vós façais também. ¹⁶Em verdade, em verdade^e vos digo: um servo não é maior do que o seu senhor, nem um apóstolo maior do que aquele que o enviou. ¹⁷Se compreendeis isto, felizes sereis se o puserdes em prática. ¹⁸Não falo de todos vós; Eu conheço aqueles que escolhi. Mas é para que se cumpra a Escritura: *Aquele que come o meu pão, levantou contra mim o seu calcanhar*^f. ¹⁹Desde já vo-lo digo, antes de acontecer, para que, quando acontecer, acrediteis que *Eu Sou*^g. ²⁰Em verdade, em verdade vos digo: quem recebe aquele que Eu enviar, é a mim que recebe; e quem me recebe, recebe Aquele que me enviou».

Anúncio da traição de Judas (Mt 26,20-25; Mc 14,18-21; Lc 22,21-23) – ²¹Dito isto, Jesus sentiu-se profundamente perturbado e declarou^h: «Em verdade, em verdade vos digo: um de vós me irá entregar!». ²²Os discípulos olhavam uns para os outros, sem perceberem de quem falava. ²³Ora, estava reclinado no seio de Jesusⁱ um dos seus discípulos, aquele que Jesus amava^j. ²⁴Então Simão Pedro fez-lhe sinal para que procurasse saber quem seria aquele de quem falava. ²⁵Ele, assim reclinado sobre o

(significada nas vestes) para manifestar o seu amor; o próprio Jesus interpreta o gesto e apresenta-o como um exemplo que os discípulos devem assumir (vv.12-15).

^a Lit.: *Respondeu Jesus e disse-lhe*.

^b O grego acrescenta *para o século*.

^c A expressão *ter parte com* é um semitismo que significa participação; aqui, no amor salvífico de Jesus. Para que tal aconteça, é preciso Pedro mudar de mentalidade e de critérios.

^d A palavra grega usada tem um duplo sentido, ambos presentes na declaração de Jesus: *limpo e puro*.

^e Lit.: *amén amén*, tal como nos vv.20.21 (cf. Mt 5,18 nota).

^f Sl 41,10.

^g Evocação do nome divino revelado a Moisés; cf. 8,24.28.58; 18,5 (e provavelmente 4,26).

^h Lit.: *testemunhou e disse*.

ⁱ Gesto necessário para poder olhar e falar com Jesus, tendo em conta a maneira como então se comia, por influência da cultura greco-romana (reclinado à mesa sobre um dos braços). Mas é também uma indicação simbólica: a presença da mesma expressão de 1,18, usada para falar da relação de intimidade de Jesus com o Pai (*no seio/peito*), indica que tal como, por essa razão, Jesus é o revelador do Pai, assim também o Discípulo Amado é o revelador de Jesus (cf. nota seguinte).

^j É a primeira referência explícita ao Discípulo Amado, o autor do Evangelho (21,20.24), no sentido de ser a origem da tradição. Reaparece explicitamente em 19,25-27; 20,1-10; 21,7; 21,20-23, e de forma

peito de Jesus, perguntou-lhe: «Senhor, quem é?». ²⁶Jesus respondeu: «É aquele a quem Eu der o bocado de pão que vou molhar». E, molhando o bocado de pão, deu-o^k a Judas, filho de Simão Iscariotes. ²⁷E naquele momento, depois do bocado de pão, entrou nele Satanás^l. Disse-lhe, então, Jesus: «O que estás para fazer, fá-lo depressa». ²⁸Mas nenhum dos que estavam reclinados à mesa compreendeu porque lhe dissera isto; ²⁹uma vez que Judas tinha a bolsa do dinheiro, alguns pensavam que Jesus lhe tivesse dito: «Compra aquilo de que temos necessidade para a festa», ou que desse alguma coisa aos pobres. ³⁰Então, depois de tomar o bocado de pão, Judas^m saiu imediatamente. Era noiteⁿ.

³¹Quando ele saiu, disse Jesus: «Agora foi glorificado o Filho do Homem, e Deus foi glorificado nele. ³²Se Deus foi glorificado nele, também Deus o glorificará em si mesmo, e glorificá-lo-á imediatamente».

O mandamento novo – ³³«Filhinhos, é ainda por um pouco que estou convosco. Haveis de procurar-me e, tal como disse aos judeus “para onde Eu vou, vós não podeis ir”, também vo-lo digo agora^o. ³⁴Dou-vos um mandamento novo^p: que vos ameis uns aos outros; como Eu vos amei, que também vós vos ameis uns aos outros. ³⁵Nisto saberão todos que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros».

Anúncio da negação de Pedro (Mt 26,30-35; Mc 14,26-31; Lc 22,31-34) – ³⁶Disse-lhe Simão Pedro: «Senhor, para onde vais?». Jesus respondeu-lhe: «Para onde vou não podes seguir-me por agora; seguir-me-ás depois». ³⁷Disse-lhe Pedro: «Senhor, por que razão não posso seguir-te agora? Darei a minha vida por ti!». ³⁸Respondeu-lhe Jesus: «Darás a tua vida por mim? Em verdade, em verdade^q te digo: não cantarás o galo sem que me tenhas negado três vezes».

14 Jesus: caminho, verdade e vida – ¹«Não se perturbe o vosso coração; acreditai em Deus e acreditai em mim. ²Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fosse, ter-vos-ia dito que vos vou preparar um lugar? ³E, quando Eu tiver partido e vos tiver preparado um lugar, virei de novo e levar-vos-ei comigo^r, para que onde Eu estou, estejais vós também. ⁴E para onde Eu vou, sabeis o caminho».

implícita em 18,15-16; 19,35 e provavelmente 1,40. O seu anonimato é um desafio ao leitor: tornar-se Discípulo Amado de Jesus (pela fidelidade e testemunho).

^k NT²⁸ antepõe *tomou-o*, embora esteja ausente de muitos mss. (talvez pela incoerência narrativa).

^l Ao receber o pão (gesto que implica comunhão e intimidade), Judas entrega-se à mentira: o seu coração não está com Jesus, mas contra Ele. Por isso, *entrou nele Satanás*, o pai da mentira (cf. 8,44).

^m *Judas* é acrescido da tradução.

ⁿ *Noite* física e existencial: Judas está dominado pelas trevas.

^o 8,22s.

^p É *novo* no fundamento cristológico: Cristo é, com a total oferta da vida, simultaneamente fonte e modelo do amor cristão.

^q Lit.: *amén amén* (cf. Mt 5,18 nota).

^r Lit.: *e tomar-vos-ei para mim próprio*.

⁵Disse-lhe Tomé: «Senhor, não sabemos para onde vais; como podemos saber o caminho?». ⁶Respondeu-lhe Jesus: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim. ⁷Se me conheceis, conhecereis também o meu Pai. E agora já o conheceis e já o vistes».

⁸Disse-lhe Filipe: «Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta». ⁹Respondeu-lhe Jesus: «Há tanto tempo que estou convosco, e não me conheces, Filipe? Quem me viu, viu o Pai. Como podes tu dizer: “Mostra-nos o Pai”? ¹⁰Não acreditas que Eu estou no Pai e o Pai está em mim? As palavras que Eu vos digo, não as digo por mim mesmo; é o Pai que, permanecendo em mim^a, realiza as suas obras. ¹¹Acreditai em mim: Eu estou no Pai e o Pai está em mim. Acreditai, ao menos, por causa das obras em si.

¹²Em verdade, em verdade^b vos digo: quem acredita em mim realizará, também ele, as obras que Eu realizo, e ainda realizará maiores do que estas, porque Eu vou para o Pai. ¹³E aquilo que pedirdes em meu nome, fá-lo-ei, para que o Pai seja glorificado no Filho. ¹⁴Se me pedirdes algo em meu nome, Eu o farei».

Primeiro anúncio da vinda do Espírito Santo – ¹⁵«Se me amardes, guardareis os meus mandamentos. ¹⁶E Eu pedirei ao Pai, e Ele dar-vos-á outro Paráclito^c, para que esteja convosco para sempre: ¹⁷o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece. Vós já o conheceis, porque junto de vós tem permanecido e em vós estará. ¹⁸Não vos deixarei órfãos: virei a vós! ¹⁹Um pouco mais e o mundo já não me verá; vós, porém, ver-me-eis^d, porque Eu vivo e vós viveis. ²⁰Naquele dia, vós compreendereis que Eu estou no meu Pai, e que vós estais^e em mim e Eu em vós. ²¹Quem tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama. E quem me ama será amado por meu Pai; também Eu o amarei e a ele me hei de manifestar».

²²Disse-lhe Judas, não o Iscariotes: «Senhor, que aconteceu para que estejas prestes a manifestar-te a nós e não ao mundo?». ²³Jesus respondeu-lhe^f: «Se alguém me amar, guardará a minha palavra, e o meu Pai o amará; viremos a ele e junto dele

^a Ou *habitando em mim*.

^b Lit.: *amén amén* (cf. Mt 5,18 nota).

^c *Paráclito*, em grego, significa lit. *chamado [a estar] junto a*. Diz-se que é *outro* porque vem depois de Jesus (cf. 1Jo 2,1). Referido ao Espírito Santo apenas ocorre no discurso de despedida (14,16s.26; 15,26; 16,7-11.13-15), o seu sentido específico depende do contexto e as possíveis traduções como *advogado*, *defensor*, *intercessor* ou *consolador* limitariam o entendimento do conceito. De facto, umas vezes refere-se à missão de estar nos discípulos para sempre (14,16s), tal como prometido no AT (Ez 11,19; 37,14); outras à função de ensinar, no sentido de levar à compreensão do sentido profundo das palavras de Jesus (14,26; 16,13-15); outras ainda à sua missão de testemunhar (15,26; 16,8-11), no seguimento da tradição sinóptica, que apresenta o Espírito como sustentáculo dos discípulos perante os tribunais (cf. Mc 13,9 e paralelos).

^d Sobretudo na assembleia dominical, onde o Senhor se faz presente e continua a conceder o Espírito (20,19ss).

^e *Estais* é acresceto da tradução.

^f Lit.: *respondeu Jesus e disse-lhe*.

faremos morada. ²⁴Quem não me ama não guarda as minhas palavras. Ora, a palavra que ouvís não é minha, mas do Pai que me enviou.

²⁵Disse-vos estas coisas enquanto permanecia junto de vós; ²⁶mas o Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, Ele vos ensinará todas as coisas e vos recordará tudo o que Eu vos disse».

Conclusão do primeiro discurso – ²⁷«Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Eu não vo-la dou como a dá o mundo. Não se perturbe o vosso coração, nem se atemorize; ²⁸ouvistes o que Eu vos disse: “Vou partir, mas virei a vós”. Se me amásseis, alegrar-vos-íeis porque vou para o Pai, pois o Pai é maior do que Eu. ²⁹E disse-vos agora, antes de acontecer, para que, quando aconteça, acrediteis. ³⁰Já não falarei muito mais convosco, pois está a chegar o Príncipe deste mundo. Não que ele tenha algum poder sobre mim^g, ³¹mas é para que o mundo saiba que amo o Pai e que faço tal como o Pai mo ordenou.

Levantai-vos! Vamo-nos daqui»^h.

15 Jesus, a verdadeira videira – ¹«Eu sou a verdadeira videira, e o meu Pai é o agricultorⁱ. ²Ele corta todo o ramo que em mim não dá fruto, e limpa^j todo aquele que dá fruto para que dê ainda mais fruto. ³Vós já estais limpos por causa da palavra que vos anunciei^k. ⁴Permaneci em mim e Eu permanecerei^l em vós. Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo se não permanecer na videira, assim também vós se não permanecerdes em mim. ⁵Eu sou a videira, vós os ramos. O que permanece em mim e Eu nele, esse dá muito fruto, porque sem mim nada podeis fazer. ⁶Se alguém não permanecer em mim, é lançado fora, como o ramo, e seca; então recolhem-nos, lançam-nos ao fogo e são queimados. ⁷Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes e assim vos há de acontecer. ⁸É nisto que o meu Pai é glorificado: em que deis muito fruto e^m vos torneis meus discípulos.

^g Lit.: *em mim não tem nada*.

^h Possivelmente o texto original continuaria em 18,1, onde, depois desta dupla ordem, Jesus chega com os discípulos ao jardim, no outro lado do Cédron (sobre a inserção dos cap. 15-17, cf. nota introdutória de 13,1-17,26).

ⁱ A imagem da videira (tal como a da vinha) é atribuída pelo AT a Israel (Is 5,1ss; Jr 2,21; Ez 15,2ss; 19,10ss; Sl 80,9-16). Jesus proclamou-se genuína videira para falar da íntima unidade com os discípulos, garantida pelo Pai.

^j O verbo grego usado tem um duplo sentido, aqui presente, de *podar* ou *tornar puro* (o mesmo acontece no v. seguinte com o adjetivo da mesma raiz).

^k Lit.: *disse*.

^l *Permanecerei* é acresceto da tradução. O verbo grego traduzido por *permanecer* significa também *habitar* e exprime a íntima união de Jesus com o Pai e com o Espírito Santo; o seu uso para falar da relação de Jesus com os discípulos significa que esta bebe daquela (vv.10s).

^m A conjunção grega utilizada tem aqui um sentido explicativo: *que deis muito fruto, isto é, que vos torneis meus discípulos*, ou seja, não basta o batismo para se ser discípulo; o discipulado manifesta-se nas obras, que são resultado da permanente relação com Jesus.

⁹Assim como o Pai me amou, também Eu vos amei. Permanecei no meu amor.
¹⁰Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor, tal como Eu guardo os mandamentos do meu Pai e permaneço no seu amor.

¹¹Disse-vos estas coisas para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja completa».

O mandamento do amor – ¹²«É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei^a. ¹³Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos. ¹⁴Vós sois meus amigos se fizerdes o que Eu vos mando. ¹⁵Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; chamo-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi do meu Pai. ¹⁶Não fostes vós que me escolhestes; fui Eu que vos escolhi e vos designei, para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça. Assim, tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, Ele vo-lo concederá. ¹⁷É isto o que vos mando: que vos ameis uns aos outros».

Primeiro anúncio da perseguição aos discípulos – ¹⁸«Se o mundo vos odeia, sabei que, primeiro do que a vós, me odiou a mim. ¹⁹Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que é seu; mas, porque não sois do mundo – pelo contrário, Eu vos escolhi retirando-vos do domínio do mundo^b –, é por isso que o mundo vos odeia. ²⁰Recordai as palavras que Eu vos disse: “Um servo não é maior que o seu senhor”. Se me perseguiram a mim, também vos perseguirão a vós; se guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa. ²¹Mas tudo isto vos farão por causa do meu nome, porque não conhecem Aquele que me enviou. ²²Se Eu não tivesse vindo e não lhes tivesse falado, não teriam pecado algum; agora, porém, não têm desculpa para o seu pecado. ²³Quem me odeia, odeia também o meu Pai. ²⁴Se Eu não tivesse realizado, entre eles, as obras que nenhum outro realizou, não teriam pecado algum; mas agora viram e, contudo, odiaram-me a mim e ao meu Pai. ²⁵Mas foi para que se cumprisse a palavra que está escrita na Lei deles: *Odiaram-me sem motivo*^c.

Segundo anúncio da vinda do Espírito Santo – ²⁶«Quando vier o Paráclito, que Eu vos enviarei de junto do Pai, o Espírito da verdade que procede do Pai, Ele dará testemunho de mim; ²⁷dai também vós testemunho^d, porque estais comigo desde o princípio».

^a Cf. 13,34 nota.

^b Lit.: *Eu vos escolhi do mundo*, no sentido de *retirar do todo e pôr de parte*; significa subtrair os discípulos ao espírito do mundo e dos seus critérios de vida.

^c Sl 35,19; 69,5.

^d Ou *e também vós dais testemunho*. Este critério e o que a seguir se apresenta são as duas condições imprescindíveis para se poder dar o testemunho original sobre Jesus: ter recebido o Espírito, que conduzirá à verdade plena do que o Senhor disse e fez (14,26; 16,13), e ter estado com Ele *desde o princípio* (cf. 1Jo 1,1; Lc 24,48s e, sobretudo, a escolha de Matias em At 1,21s).

16 Segundo anúncio da perseguição aos discípulos – ¹«Disse-vos estas coisas para que não sejam para vós um motivo de escândalo». ²Hão de expulsar-vos das sinagogas; e mais ainda: está a chegar a hora em que todo aquele que vos matar julgará estar a prestar culto a Deus. ³E farão isto porque não conheceram nem o Pai, nem a mim».

Terceiro anúncio da vinda do Espírito Santo – ⁴«Contudo, disse-vos estas coisas para que, quando chegar a sua hora, vos recordeis de que Eu vo-las disse. Não vo-las disse desde o princípio, porque estava convosco. ⁵Agora, porém, vou para Aquele que me enviou, e nenhum de vós me pergunta: “Para onde vais?”. ⁶Mas, porque vos disse estas coisas, a tristeza encheu o vosso coração. ⁷No entanto, Eu digo-vos a verdade: é melhor para vós que Eu parta, pois, se não partir, o Paráclito^f não virá a vós; mas, se Eu for, Eu vo-lo enviarei. ⁸E, quando Ele vier, denunciará o mundo no que diz respeito ao pecado, à justiça e ao julgamento: ⁹no que diz respeito ao pecado, porque não acreditam em mim; ¹⁰no que diz respeito à justiça, porque vou para o Pai e já não me vereis; ¹¹no que diz respeito ao julgamento, porque o Príncipe deste mundo já está condenado^g.

¹²Tenho ainda muitas coisas para vos dizer; no entanto não as conseguis suportar por agora. ¹³Mas quando vier o Espírito da verdade, Ele vos guiará na verdade toda. De facto, Ele não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e anunciar-vos-á o que está para vir. ¹⁴Ele me glorificará, porque receberá daquilo que é meu e vo-lo anunciará. ¹⁵Tudo quanto o Pai tem é meu. É por isso que vos disse que Ele recebe do que é meu e vo-lo anunciará. ».

Anúncio da partida para o Pai – ¹⁶«Mais um pouco e já não me vereis; um pouco mais e voltareis a ver-me». ¹⁷Disseram, então, entre si alguns dos seus discípulos: «Que significa isto que nos está a dizer: “Mais um pouco e já não me vereis; um pouco mais e voltareis a ver-me” e “Vou para o Pai”?». ¹⁸E diziam: «O que significa esse “um pouco” de que nos fala? Não entendemos o que diz!».

¹⁹Jesus percebeu que queriam interrogá-lo e disse-lhes: «Indagais entre vós acerca do que disse: “Mais um pouco e já não me vereis; um pouco mais e voltareis a ver-me”? ²⁰Em verdade, em verdade^h vos digo: haveis de chorar e lamentar-vos, enquanto o mundo se há de alegrar; vós ficareis tristes, mas a vossa tristeza converter-se-á

^c Lit.: *para que não sejas escandalizados*; o grego emprega o verbo *skandalizō*, que se refere à pedra (*skándalon*) que faz tropeçar (Mt 16,23par.), no sentido de *pecar*. Os discípulos ver-se-ão perante situações que porão à prova a fidelidade da sua fé em Jesus (cf. 6,61).

^f Cf. 14,16 nota.

^g O Espírito Santo fará entender a morte de Jesus como a derrota e a condenação do Príncipe deste mundo, pela força do amor. A propósito da tradução dos mesmos vocábulos gregos por *judgar/julgamento* (v.8.11) e *condenar/condenação* (v.11), cf. 3,17 nota.

^h Lit.: *amén amén*, tal como no v.23 (cf. Mt 5,18 nota).

em alegria^a. ²¹A mulher, quando está para dar à luz, sente tristeza, porque chegou a sua hora. Mas, quando nasce a criança, já não se lembra da tribulação, pela alegria de ter nascido um homem para o mundo. ²²Assim também vós agora sentis tristeza, mas Eu hei de ver-vos de novo, e o vosso coração alegrar-se-á, e ninguém vos poderá tirar a vossa alegria. ²³Naquele dia nada me perguntareis.

Em verdade, em verdade vos digo: o que pedirdes ao Pai em meu nome, Ele vo-lo concederá. ²⁴Até agora, nada pedistes em meu nome; pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa.

²⁵Disse-vos estas coisas em linguagem figurada, mas está a chegar a hora em que já não vos falarei em linguagem figurada; pelo contrário, será com clareza que vos falarei do Pai^b. ²⁶Naquele dia, pedireis em meu nome, e não vos digo que Eu rogarei por vós ao Pai, ²⁷já que o próprio Pai vos ama, porque vós me amais e acreditastes que Eu saí de Deus. ²⁸Saí do Pai e vim ao mundo; agora deixo o mundo e vou para o Pai».

Anúncio da dispersão dos discípulos – ²⁹Disseram os seus discípulos: «Agora^c falas com clareza e nada dizes em linguagem figurada. ³⁰Agora compreendemos que sabes tudo e que não tens necessidade de que alguém te interrogue. Por isso acreditamos que saíste de Deus».

³¹Respondeu-lhes Jesus: «Agora acreditais? ³²Está a chegar^d a hora – e já chegou – em que vos dispersareis, cada um para o seu lado^e, e me deixareis só. Mas Eu não estou só, porque o Pai está comigo».

Conclusão do discurso – ³³«Disse-vos estas coisas para que, em mim, tenhais paz. No mundo, tereis tribulações. Mas tende coragem: Eu venci o mundo!».

17 Oração conclusiva de Jesus pelos discípulos^f – ¹Assim falou Jesus. Depois, levantando os olhos ao céu, disse: «Pai, chegou a hora! Glorifica o teu Filho, para que o Filho te glorifique, ²visto que lhe deste poder sobre cada ser humano^g, a fim de dar a vida eterna a todos aqueles que lhe deste^h. ³E a vida eterna é esta: que te conheçam, o único Deus verdadeiro, e Aquele que enviaste, Jesus Cristo. ⁴Eu glorifiquei-te sobre a terra, consumando a obra que me deste para realizarⁱ. ⁵E agora,

^a As palavras de Jesus cumprem-se em 20,20.

^b Lit.: *anunciarei acerca do Pai*. Isto é, pela doação da própria vida, que exprime o amor de Deus e de Jesus (3,16; 10,11ss; 13,1; 15,13).

^c O grego antepõe *eis* (*que*) (lit.: *vê*; cf. Mt 2,13 nota).

^d O grego antepõe *eis* (*que*) (lit.: *vê*; cf. Mt 2,13 nota).

^e Lit.: *cada um para as suas próprias coisas*.

^f Jesus transforma em oração tudo o que antes afirmou, pedindo ao Pai pelos atuais e futuros discípulos.

^g Lit.: *de toda a carne* (semitismo).

^h Lit.: *para que tudo o que lhe deste lhes dê vida eterna*. Cf. 10,10.

ⁱ A obra que Jesus declarará como cumprida na cruz (cf. 19,28.30).

Pai, glorifica-me Tu, junto de ti, com a mesma glória que tinha junto de ti, antes de o mundo existir^j.

⁶Manifestei o teu nome^k àqueles^l que, do mundo, me deste. Eram teus e Tu mos deste, e eles guardaram a tua palavra. ⁷Agora sabem que tudo quanto me deste vem de ti, ⁸porque lhes dei as palavras que me deste, e eles receberam-nas, reconheceram verdadeiramente que saí de ti e acreditaram que Tu me enviaste.

⁹Eu peço por eles; não peço pelo mundo^m, mas por aqueles que me deste, porque são teus. ¹⁰Tudo o que é meu é teu, e o que é teu é meu; e neles sou glorificado. ¹¹Já não estou no mundo, mas eles estão no mundo, e Eu vou para ti. Pai santo, guarda-os no teu nome – aquele que me desteⁿ – para que sejam um só^o, tal como Nós. ¹²Quando estava com eles, Eu guardava-os no teu nome – aquele que me deste. Protegi-os e nenhum deles se perdeu – a não ser o filho da perdição – para que se cumprisse a Escritura^p. ¹³Mas agora vou para ti e digo estas coisas no mundo, para que eles tenham em si mesmos a plenitude da minha alegria^q. ¹⁴Eu dei-lhes a tua palavra e o mundo odiou-os, porque eles não são do mundo, tal como Eu não sou do mundo. ¹⁵Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do Maligno^r. ¹⁶Eles não são do mundo, tal como Eu não sou do mundo. ¹⁷Consagra-os na verdade^s: a tua palavra é verdade. ¹⁸Tal como me enviaste ao mundo, também Eu os enviei ao mundo; ¹⁹por eles, Eu me consagro a mim mesmo, para que também eles sejam consagrados na verdade.

²⁰Não peço apenas por estes, mas também por aqueles que, graças à sua palavra, acreditarão em mim: ²¹para que todos sejam um só; tal como Tu, Pai, estás em mim e Eu em ti, que também eles estejam em Nós, para que o mundo acredite que Tu me enviaste. ²²Eu dei-lhes a glória que Tu me deste, para que sejam um só, tal como Nós somos um só. ²³Eu estou neles e Tu em mim, para que sejam consumados na unidade^u e o mundo saiba que Tu me enviaste e os amaste, tal como me amaste a mim.

^j Reafirmação da pré-existência de Jesus (cf. 1,1ss).

^k Sobre *nome* (também nos vv.11.12.26), cf. 1,12 nota.

^l Lit.: *aos homens*.

^m *Mundo* no sentido negativo, como âmbito onde reina o *Príncipe deste mundo* (cf. 15,18; 1,7 nota); os discípulos já estão sob o senhorio de um outro rei: Jesus.

ⁿ Alguns mss. apresentam *aqueles que me deste* (cf. v.12).

^o *Um só* traduz, aqui e nos vv.21.22, o numeral grego no neutro.

^p Não é a traição de Judas que cumpre a Escritura, mas o facto de nenhum se perder. *Filho da perdição* é um semitismo, para dizer que Judas se excluiu da salvação, entregando-se ao Mal.

^q Lit.: *a minha alegria plenificada*.

^r Cf. Mt 6,13.

^s Ou *santifica-os na verdade*; o verbo grego aqui utilizado tem o sentido de *retirar*, no sentido de *pôr de parte* para uma dedicação exclusiva a Deus. A preposição grega usada tem provavelmente um sentido instrumental: *consagra-os/santifica-os com a verdade*.

^t Cf. v.11 nota.

^u Lit.: *em um* (o mesmo numeral dos vv.11.21.22).

²⁴Pai, quero que, onde Eu estou, também estejam comigo aqueles que me deste, para que contemplem a minha glória, a glória^a que Tu me deste, porque me amaste antes da fundação do mundo.

²⁵Pai justo, o mundo não te conheceu, mas Eu conheci-te, e estes reconheceram^b que Tu me enviaste. ²⁶Dei-lhes a conhecer o teu nome e dá-lo-ei a conhecer, para que o amor com que me amaste esteja neles, e também Eu neles esteja».

PAIXÃO, MORTE E RESSURREIÇÃO (18,1-20,18)

18Prisão de Jesus (Mt 26,30.36.47-56; Mc 14,26.32.43-52; Lc 22,39.47-53) – ¹Dito isto, Jesus saiu com os seus discípulos para o outro lado da torrente do Cédron, onde havia um jardim, no qual Ele entrou com os seus discípulos. ²Também Judas, aquele que o ia entregar, conhecia o lugar, porque Jesus se reunira ali muitas vezes com os seus discípulos. ³Então Judas, levando consigo um grupo de soldados^c e os guardas dos chefes dos sacerdotes e dos fariseus, chegou ali com archotes, lanternas e armas. ⁴Sabendo Jesus tudo o que estava para lhe acontecer, adiantou-se e disse-lhes: «Quem procurais?». ⁵Eles responderam-lhe: «Jesus, o Nazareno». Disse-lhes Jesus^d: «*Eu Sou*»^e. Com eles continuava Judas, aquele que o ia entregar. ⁶Assim que Jesus^f lhes disse «*Eu Sou*», recuaram e caíram por terra. ⁷Perguntou-lhes de novo: «Quem procurais?». Eles disseram: «Jesus, o Nazareno». ⁸Jesus respondeu: «Já vos disse: *Eu Sou*. Se é, pois, a mim que procurais, deixai que estes se vão embora» – ⁹isto^g para que se cumprissem as palavras que Ele dissera: «Não perdi nenhum daqueles que me deste»^h. ¹⁰Então Simão Pedro, que tinha uma espada, desembainhou-a e feriu o servo do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha direita. O nome do servo era Malco. ¹¹Jesus disse a Pedro: «Mete a espada na bainha! Não hei de beber o cálice que o Pai me deu?». ¹²Então o grupo de soldados, o comandante e os guardas dos judeus apoderaram-se de Jesus e manietaram-no.

^a *Glória* é acrescento da tradução.

^b *Conhecer* e *reconhecer* traduzem o mesmo verbo grego.

^c Lit.: *coorte* (a mesma palavra do v.12), constituída por c. de quinhentos homens, o que, no caso, seria um exagero; trata-se, provavelmente, de um grupo de soldados da coorte aquartelada na Fortaleza Antónia, em Jerusalém.

^d *Jesus* é acrescento da tradução.

^e Evocação do nome divino revelado no Sinai; daí a reação no v.6 (cf. 8,24.28.54; 13,19; e provavelmente 4,26).

^f *Jesus* é acrescento da tradução.

^g *Isto* é acrescento da tradução.

^h Tratando-se de palavras de Jesus (em 17,12), ao usar a fórmula *para que se cumprisse*, com que normalmente introduz as palavras da Escritura, o evangelista dá-lhes o mesmo peso que às desta.

Jesus perante Anás e Caifás. As negações de Pedro (Mt 26,58.69-75; Mc 14,54.66-72; Lc 22,54-62) – ¹³Levaram-no primeiro a Anás, por ser sogro de Caifás, que era o sumo sacerdote naquele ano. ¹⁴Caifás era quem tinha aconselhado aos judeus: «É melhor morrer um só homem pelo povo»ⁱ.

¹⁵Simão Pedro e outro discípulo^j seguiam Jesus. Esse discípulo era conhecido do sumo sacerdote e entrou com Jesus no pátio do sumo sacerdote. ¹⁶Pedro, porém, ficou parado junto à porta, do lado de fora. O outro discípulo – o que era conhecido do sumo sacerdote – saiu, falou com a porteira e fez Pedro entrar^k. ¹⁷Então a porteira, uma jovem serva, disse a Pedro: «Não és, também tu, um dos discípulos desse homem?». Ele respondeu: «Não sou». ¹⁸Estavam ali^l parados a aquecer-se os servos e os guardas, que tinham feito uma fogueira, porque estava frio. Pedro estava também com eles, parado, a aquecer-se.

¹⁹Entretanto, o sumo sacerdote interrogava Jesus acerca dos seus discípulos e do seu ensinamento. ²⁰Jesus respondeu-lhe: «Eu falei abertamente ao mundo; sempre ensinei na sinagoga e no templo, onde todos os judeus se reúnem, e nada disse em segredo. ²¹Porque me interrogas? Interroga os que me ouviram sobre aquilo de que lhes falei; eles^m bem sabem aquilo que Eu disse». ²²Quando Jesusⁿ disse isto, um dos guardas ali presentes deu-lhe^o uma bofetada, dizendo: «É assim que respondes ao sumo sacerdote?». ²³Jesus respondeu-lhe: «Se falei mal, mostra-me^p o que está mal; mas, se falei bem, porque me bates?». ²⁴Então Anás enviou-o manietado a Caifás, o sumo sacerdote^q.

²⁵Entretanto, Simão Pedro continuava parado, a aquecer-se. Disseram-lhe, então: «Não és também tu um dos seus discípulos?». Ele negou, dizendo: «Não sou». ²⁶Replicou um dos servos do sumo sacerdote, familiar daquele a quem Pedro cortara a orelha: «Não te vi eu no jardim com Ele?». ²⁷Pedro negou de novo. E imediatamente um galo cantou^r.

ⁱ 11,50.

^j Certamente o Discípulo Amado, que, na última ceia, na paixão e na ressurreição de Jesus, é referido sempre juntamente com Pedro (13,23s; 20,1-10; 21,7.20-23; cf. 13,23 nota), exceto junto à cruz (19,25-27.35).

^k O verbo *ficou parado* sublinha que Pedro deixou de seguir Jesus. Ao ficar do *lado de fora*, enquanto Jesus está *dentro*, separa-se dele num crescendo que se consumará na tríplice negação. O *outro discípulo*, o Discípulo Amado, esforça-se para que isso não aconteça (nem a Pedro, nem ao leitor: a finalidade do seu livro é que o discipulado seja consistente e fiel).

^l *Ali* é acrescento da tradução.

^m O grego antepõe *eis* (*que*) (lit.: *vê*; cf. Mt 2,13 nota).

ⁿ Lit.: *Ele*.

^o Lit.: *a Jesus*.

^p Lit.: *dá testemunho*.

^q O relato do processo judaico da paixão é reduzido em relação aos sinópticos provavelmente porque este já aconteceu em toda a primeira parte do evangelho, desde o interrogatório a João Batista (1,19) até à decisão de matar Jesus (11,49-53).

^r A tríplice negação (predita por Jesus: 13,38) corresponderá a tríplice reabilitação no amor (21,15ss).

Jesus perante Pilatos (Mt 27,1-2.11-26; Mc 15,1-15; Lc 23,1-7.13-25)^a – ²⁸Levaram, então, Jesus de Caifás para o pretório^b. Era de manhã cedo. Eles não entraram no pretório para não se contaminarem e poderem comer a Páscoa^c.

²⁹Pilatos saiu para fora ao encontro deles e disse: «Que acusação trazeis contra este homem?». ³⁰Eles responderam-lhe^d: «Se Ele não fosse um malfeitor, não to entregaríamos». ³¹Disse-lhes Pilatos: «Tomai-o vós e julgai-o de acordo com a vossa Lei». Os judeus responderam-lhe: «Não nos é permitido matar ninguém» – ³²isto^e para que se cumprissem as palavras que Jesus dissera, assinalando com que género de morte iria morrer^f.

³³Então Pilatos entrou de novo no pretório, chamou Jesus e perguntou-lhe: «Tu és o rei dos judeus?». ³⁴Jesus respondeu-lhe: «É por ti mesmo que o dizes, ou foram outros que to disseram de mim?». ³⁵Pilatos retorquiu: «Porventura sou eu judeu? O teu povo e^g os chefes dos sacerdotes é que te entregaram a mim. Que fizeste?». ³⁶Jesus respondeu: «O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus guardas teriam lutado para que Eu não fosse entregue aos judeus. Mas o meu reino não é daqui». ³⁷Disse-lhe Pilatos: «Então, Tu és rei?». Jesus respondeu-lhe: «Tu dizes que sou rei. Eu para isto nasci e para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade escuta a minha voz». ³⁸Disse-lhe Pilatos: «O que é a verdade?».

Dito isto, saiu novamente ao encontro dos judeus e disse-lhes: «Eu não encontro nele culpa nenhuma. ³⁹Mas é vosso costume que eu vos solte alguém na Páscoa. Quereis que vos solte o rei dos judeus?». ⁴⁰Eles gritaram de novo, dizendo: «Esse não; antes Barrabás!». Barrabás era um salteador.

19 ^(Mt 27,26-31; Mc 15,15-20) – ¹Pilatos tomou, então, Jesus e mandou chicoteá-lo. ²Os soldados puseram-lhe na cabeça uma coroa de espinhos, que tinham entrelaçado, e envolveram-no num manto de púrpura. ³Depois aproximavam-se dele e diziam: «Salve, ó rei dos judeus!», e davam-lhe bofetadas.

⁴Pilatos saiu novamente para fora e disse-lhes: «Eis que vo-lo trago aqui fora, para que saibais que não encontro nele culpa nenhuma». ⁵Jesus saiu, então, para fora, trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. Pilatos disse-lhes: «Eis o

^a São apresentadas sete cenas (18,28-32.33-38a.38b-40; 19,1-3.4-7.8-12.13-16a), ordenadas de modo concêntrico, que alternam entre o interior do pretório (Pilatos e Jesus) e o exterior (Pilatos e o povo, instigado pelas autoridades judaicas).

^b O pretório era a residência oficial do pretor ou alto magistrado romano nas províncias.

^c Ao entrar em casa de pagãos, um judeu ficava impuro, porque se considerava que aqueles enterravam afãs crianças abortadas (cf. *mOhalot* 18,7). Impuro, não podia *comer a Páscoa*, isto é, o cordeiro pascal.

^d Lit.: *responderam e disseram-lhe*.

^e Isto é acréscimo da tradução.

^f Os romanos tinham retirado aos judeus o poder de condenar à morte; de acordo com a lei judaica, Jesus teria sido apedrejado (cf. 8,59; 10,31); segundo o costume romano, foi crucificado. Assim se cumpre o que Jesus anunciara sobre a sua morte (3,14; 8,28; 12,32-34; 13,31s).

^g A conjunção grega poderá ter aqui sentido explicativo: *o teu povo, isto é, os chefes dos sacerdotes*.

homem!». ⁶Quando o viram, os chefes dos sacerdotes e os guardas gritaram, dizendo: «Crucifica-o! Crucifica-o!». Disse-lhes Pilatos: «Tomai-o vós e crucificai-o, pois eu não encontro nele culpa nenhuma^h». ⁷Responderam-lhe os judeus: «Nós temos uma Lei e, segundo a Lei, deve morrer, porque se fez Filho de Deus»ⁱ. ⁸Quando Pilatos ouviu estas palavras, ficou muito assustado^j.

⁹Entrou de novo no pretório e disse a Jesus: «De onde és Tu?». Mas Jesus não lhe deu resposta. ¹⁰Disse-lhe Pilatos: «Não me falas? Não sabes que tenho poder para te soltar e poder para te crucificar?». ¹¹Jesus respondeu-lhe: «Não terias poder algum sobre mim, se não te tivesse sido concedido do alto. Por isso, quem me entregou a ti tem maior pecado». ¹²A partir desse momento, Pilatos procurava soltá-lo, mas os judeus gritaram, dizendo: «Se o soltares, não és amigo de César; todo aquele que se faz rei está contra César».

¹³Então Pilatos, ao ouvir estas palavras, levou Jesus para fora e sentou-se^k no tribunal, no lugar chamado Lajedo, em hebraico «Gabbatá». ¹⁴Era o dia da Preparação da Páscoa, por volta do meio-dia^l. E disse aos judeus: «Eis o vosso rei». ¹⁵Mas eles gritaram: «Fora! Fora! Crucifica-o!». Disse-lhes Pilatos: «Crucificarei o vosso rei?». Responderam os chefes dos sacerdotes: «Não temos outro^m rei senão César»ⁿ.

¹⁶Então Pilatos entregou-lhes Jesus^o para ser crucificado.

Crucificação de Jesus (Mt 27,31.33.37s; Mc 15,20.22.25-27; Lc 23,33.38) – E eles apoderaram-se de Jesus. ¹⁷E, carregando Ele mesmo a cruz, saiu para o chamado «Lugar da Caveira», que em hebraico se diz «Gólgota». ¹⁸Ali o crucificaram e, com Ele, mais dois: um de cada lado e Jesus no meio^p.

^h *Nenhuma* é acresceto da tradução.

ⁱ Para os judeus é esta a verdadeira razão por que Jesus deve ser condenado, mas, quando percebem que surtiu efeito contrário em Pilatos (vv.8-12a), invocam a questão política (v.12b).

^j Lit.: *ficou mais amedrontado/assustado*. O advérbio grego utilizado parece ter aqui um sentido superlativo (*ficou muito amedrontado/assustado*), porque é a primeira vez que tal sentimento é referido em relação a Pilatos. De facto, este é motivado pela afirmação da filiação divina de Jesus, que Pilatos parece interpretar no contexto da religiosidade romana, a qual previa a possibilidade de os deuses terem filhos com os mortais. Daí a pergunta que de seguida o governador romano faz a Jesus sobre a sua origem (v.6).

^k Lit.: *sentou*. Quem? Pilatos (uso intransitivo: *sentou-se*) ou Jesus (uso transitivo: *fez Jesus sentar-se*)? Formalmente, Pilatos; o evangelista, porém, na sua típica ironia, provoca uma segunda leitura: quem verdadeiramente se senta para julgar é Jesus, a quem foi confiado o poder de o fazer (5,22).

^l Lit.: *hora sexta*, hora a que, no templo, começava a imolação dos cordeiros pascais. Com este parêntese, o evangelista orienta o leitor no sentido de lhe revelar que Jesus é o verdadeiro cordeiro da Páscoa e Aquele que tira o pecado do mundo (1,29.35; cf. 19,36), permitindo a comunhão de vida eterna com Deus.

^m *Outro* é acresceto da tradução.

ⁿ Afirmação que, para um judeu, é quase uma blasfémia: o único Senhor de Israel é Deus.

^o Lit.: *entregou-lho*.

^p A narrativa do caminho para o Calvário e da crucificação é reduzida ao mínimo; sublinha-se sobretudo o seu sentido teológico, com Jesus no centro, quase como que numa corte: é rei não só de Israel, mas do mundo inteiro, como se assinala nas três línguas do letreiro (vv.19s).

¹⁹Pilatos escreveu ainda um letreiro e colocou-o sobre a cruz; nele^a estava escrito: «Jesus, o nazareno, o rei dos judeus». ²⁰Muitos judeus leram este letreiro, porque o lugar onde Jesus tinha sido crucificado era perto da cidade. Estava escrito em hebraico, latim e grego. ²¹Diziam, então, a Pilatos os chefes dos sacerdotes dos judeus: «Não escrevas: “O rei dos judeus”, mas sim: “Este disse: Eu sou rei dos judeus”». ²²Pilatos retorquiu: «O que escrevi, escrevi»^b.

Divisão das vestes (Mt 27,35; Mc 15,24; Lc 23,34) – ²³Quando crucificaram Jesus, os soldados tomaram as suas vestes, das quais fizeram quatro partes – uma parte para cada soldado –, e tomaram também a túnica. A túnica era sem costura, tecida num todo, de alto a baixo^c. ²⁴Disseram, então, uns aos outros: «Não a rasguemos, mas tiremos à sorte quem ficará com ela» – isto^d para que se cumprisse a Escritura, que diz:

*Dividiram entre si as minbas vestes
e sobre a minba túnica lançaram sortes^e.*

Ora, foi o que fizeram os soldados.

Jesus e a nova comunidade: a Mãe e o Discípulo Amado (Mt 27,55s; Mc 15,40s; Lc 23,49) – ²⁵De pé, junto à cruz de Jesus, estavam a sua Mãe, a irmã da sua Mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. ²⁶Ao ver a Mãe e, junto dela, o discípulo que Ele amava^f, Jesus disse à Mãe: «Mulher, eis o teu filho». ²⁷Depois disse ao discípulo: «Eis a tua Mãe». E, a partir daquela hora^g, o discípulo recebeu-a entre os seus.

A morte de Jesus (Mt 27,48-50; Mc 15,36s; Lc 23,46) – ²⁸Depois disto, sabendo Jesus que já tudo estava consumado, e para que se consumasse a Escritura^h, disse: «Tenho sede!»ⁱ. ²⁹Estava ali um vaso cheio de vinagre; colocaram, então, uma esponja cheia de vinagre num ramo de hissopo e levaram-lha à boca^j. ³⁰Quando tomou

^a Nele é acrescento da tradução.

^b O uso do tempo perfeito em grego significa aqui uma ação cujos efeitos continuam no presente: o reinado de Jesus continua hoje e crescerá até à consumação, quando houver *um só rebanho e um só pastor* (10,16).

^c As vestes referem-se ao manto *real* (v.2), e as *quatro partes* evocam os quatro pontos cardeais (cf. Mt 24,31; Mc 13,27; Ap 6,8; 7,1; 20,8), reforçando a universalidade da realeza de Jesus já expressa no letreiro, na qual todos são chamados a tomar *parte*. A túnica, em contacto directo com a pele, é, na mentalidade bíblica, símbolo da pessoa; sendo *sem costura*, isto é, sem divisão, é sinal da unidade da natureza de Jesus, divina e humana.

^d Isto é acrescento da tradução.

^e Sl 22,19.

^f Sobre o Discípulo Amado, cf. 13,23 nota.

^g Segundo alguns, tem sentido causativo: *por causa daquela hora*, ou seja, na hora de Jesus nasce a sua nova família, a nova comunidade, representada na Mãe e no Discípulo Amado (cf. notas a 2,4 e 12,23).

^h Toda a Escritura e não apenas determinada passagem.

ⁱ Na exclamação de Jesus ecoa o Sl 69,22 e o Sl 63,2 (cf. Sl 42,3).

^j Os acontecimentos evocam o Sl 22,16 e o Sl 69,22.

o vinagre, Jesus disse: «Está consumado!». E, inclinando a cabeça, entregou o espírito^k.

O corpo inquebrado e trespassado – ³¹Visto que era o dia da Preparação, para que os corpos não permanecessem na cruz durante o sábado – era um grande dia aquele sábado –, os judeus pediram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas e fossem retirados^l. ³²Vieram, então, os soldados e quebraram as pernas do primeiro e do outro que tinha sido crucificado com ele. ³³Mas, ao chegarem a Jesus, como o viram já morto, não lhe quebraram as pernas. ³⁴No entanto, um dos soldados trespassou-lhe o lado com uma lança; e saiu imediatamente sangue e água.

³⁵Aquele que viu é que dá testemunho, e o seu testemunho é verdadeiro; e ele sabe que diz a verdade, para que também vós acrediteis^m.

³⁶De facto, estas coisas aconteceram para que se cumprisse a Escritura: *Nenhum osso lhe será quebrado*ⁿ. ³⁷E diz ainda outra passagem da Escritura: *Olharão para Aquele que trespassaram*^o.

Sepultura de Jesus (Mt 27,57-61; Mc 15,42-47; Lc 23,50-56) – ³⁸Depois disto, José de Arimateia, que era discípulo de Jesus – embora em segredo^p, por medo dos judeus –, pediu a Pilatos para retirar o corpo de Jesus. Pilatos permitiu-lho. Veio, então, e retirou o corpo de Jesus^q. ³⁹Veio também Nicodemos, aquele que anteriormente tinha ido ter com Jesus^r de noite, e trouxe uma mistura de mirra e aloés de quase cem libras^s. ⁴⁰Tomaram, então, o corpo de Jesus e envolveram-no em ligaduras de linho, juntamente com os aromas, tal como é costume sepultar entre os judeus. ⁴¹Ora, no lugar

^k Jesus entrega o seu espírito, o seu hábito de vida, ao Pai (cf. 3,8 nota). Mas o evangelista, com a expressão, sublinha que a morte de Jesus, tal como Ele prometera, é também o momento da dádiva do Espírito Santo (cf. 7,37-39; 16,7) à comunidade aqui representada na Mãe de Jesus e no Discípulo Amado (19,25-27.34), dom que se renova em todas as comunidades reunidas no primeiro dia da semana (20,22).

^l Quebrar as pernas (*crurifragium*) provocava a morte por asfixia. Se os corpos permanecessem na cruz no dia seguinte, toda a terra de Israel ficaria impura (cf. Dt 21,22s) e a celebração da Páscoa impossibilitada.

^m *Vós acrediteis*: o uso do presente, em grego, significa que se trata de gente que já acredita, mas com dificuldade em aceitar a morte de Alguém que era Messias e Filho de Deus, precisando, por isso, de fortalecer/corrigir a fé: Cristo morreu verdadeiramente, mas a sua morte não é estéril. O evangelista vê, no facto das pernas não quebradas e na saída de sangue e água, um significado cristológico, eclesiológico e soteriológico preparado ao longo da obra: é necessário receber Cristo inteiro (uma cristologia sem fraturas), como forma de manter a unidade eclesiológica e, assim, receber os dons soteriológicos. O sangue significa a vida de Jesus, doada para que os homens tenham a vida divina (6,53s), isto é, o Espírito Santo, anunciado como essa água que saíra do seio de Jesus aquando da sua glorificação (4,13-15; 7,35-39). Numa posterior camada de sentido, o sangue referir-se-á à eucaristia (6,55) e a água ao batismo (3,5), os sacramentos de que vive a Igreja.

ⁿ Fusão de três passagens: Ex 12,10.46 e Nm 9,12 (sobre o cordeiro pascal a quem não se pode quebrar qualquer osso) e Sl 34,21 (sobre o Justo perseguido).

^o Lit.: *E outra Escritura diz*. Trata-se de uma citação de Zc 12,10 (cf. 12,12 nota; Ap 1,7).

^p Lit.: *sendo discípulo escondido de Jesus*.

^q Lit.: *o corpo dele*.

^r Lit.: *com Ele*.

^s C. 30 kg; a quantidade evoca um sepultamento real. Sobre Nicodemos, cf. 3,1-15; 7,50-52.

onde tinha sido crucificado, havia um jardim, e no jardim um sepulcro novo, no qual ainda ninguém tinha sido posto. ⁴²Por causa do dia da Preparação^a dos judeus, e visto que o sepulcro ficava perto, foi aí que puseram Jesus.

20^O sepulcro vazio (Mt 28,1-8; Mc 16,1-8; Lc 24,1-12) – ¹No primeiro dia da semana^b, Maria Madalena foi de manhã cedo, ainda escuro, ao sepulcro e viu que a pedra tinha sido retirada do sepulcro. ²Foi a correr ter com Simão Pedro e com o outro discípulo, aquele que Jesus amava^c, e disse-lhes: «Tiraram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde o puseram». ³Então Pedro e o outro discípulo saíram e foram ao sepulcro. ⁴Corriam os dois juntos, mas o outro discípulo correu mais depressa do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro. ⁵Debruçando-se, viu as ligaduras de linho caídas no chão^d, mas não entrou^e. ⁶Entretanto, chegou também Simão Pedro, que o seguia; entrou no sepulcro e viu as ligaduras de linho caídas⁷ e o sudário, que estivera sobre a cabeça de Jesus^f, não caído no chão com as ligaduras de linho mas enrolado num lugar à parte. ⁸Entrou, então, também o outro discípulo, o que tinha chegado primeiro ao sepulcro; viu e acreditou. ⁹De facto, ainda não tinham compreendido a Escritura, segundo a qual Jesus havia de ressuscitar dos mortos^g. ¹⁰Depois disto, os discípulos foram de novo para junto dos seus.

Encontro do Ressuscitado com Maria Madalena (Mt 28,9s; Mc 16,9-11) – ¹¹Entretanto, Maria estava de pé junto ao sepulcro, do lado de fora, a chorar. Enquanto chorava, debruçou-se para o sepulcro¹² e viu dois anjos em vestes brancas, sentados um à cabeceira e outro aos pés do lugar onde tinha sido deposto o corpo de Jesus. ¹³Disseram-lhe eles: «Mulher, porque choras?». Ela respondeu-lhes: «Tiraram o meu Senhor e não sei onde o puseram». ¹⁴Ao dizer isto, voltou-se para trás e viu Jesus de pé – mas ela não sabia que era Jesus. ¹⁵Disse-lhe Jesus: «Mulher, porque choras? A quem procuras?». Pensando que era o jardineiro, ela respondeu-lhe: «Senhor, se foste Tu que o levaste, diz-me onde o puseste, e eu irei buscá-lo». ¹⁶Disse-lhe Jesus: «Maria!». Ela, voltando-se, respondeu-lhe em hebraico: «Rabúni!» – que significa «Mestre»^h. ¹⁷Disse-lhe Jesus: «Não me agarres, pois ainda não subi para o Pai! Mas vai ter com os meus irmãos e diz-lhes: “Subo para o meu Pai e vosso Pai, meu Deus e

^a *Do dia* é acrescento a tradução. A pressa era motivada pelo declinar do dia; a pureza ritual para celebrar a Páscoa não permitia o contacto com um cadáver.

^b Domingo, o *dia do Senhor*, como desde o princípio a comunidade cristã designa o dia da ressurreição (Ap 1,10).

^c Cf. 13,23 nota.

^d *No chão* é acrescento da tradução (tal como no v.7).

^e Espera por Pedro, a quem reconhece primazia (21,15ss).

^f Lit.: *dele*.

^g Lit.: *que era necessário Ele ressuscitar dos mortos*.

^h Maria não reconhece Jesus pelo aspeto corporal (é o mesmo corpo, embora diferente) e nem sequer pela voz, mas pelo modo como Jesus a chama (cf. 10,3s.14s).

vosso Deus”». ¹⁸Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: «Vi o Senhor!», assim como aquilo que Ele lhe tinha ditoⁱ.

JESUS E OS DISCÍPULOS: A COMUNIDADE DOMINICAL (20,19-29)

Encontro do Ressuscitado com a comunidade dominical (Mc 16,14-18; Lc 24,36-49) –

¹⁹Na tarde daquele dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas do lugar^j onde os discípulos se encontravam, por medo dos judeus, veio Jesus e, de pé, no meio deles^k, disse-lhes: «A paz esteja convosco!». ²⁰Dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado. Então os discípulos ficaram cheios de alegria, ao verem o Senhor. ²¹Jesus disse-lhes de novo: «A paz esteja convosco! Tal como o Pai me enviou, também Eu vos envio». ²²Dito isto, soprou e disse-lhes: «Recebei o Espírito Santo. ²³Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, serão retidos»^l.

²⁴Ora, Tomé, um dos Doze, chamado Gémeo^m, não estava com eles quando veio Jesus. ²⁵Diziam-lhe, então, os outros discípulos: «Vimos o Senhor!». Mas ele disse-lhes: «Se não vir nas suas mãos o lugar dos pregos, se não meter o meu dedo no lugar dos pregos e não meter a minha mão no seu lado, jamais acreditarei».

²⁶Oito dias depois, estavam de novo os seus discípulos dentro, e Tomé com eles. Estando fechadas as portas, veio Jesus e, de pé, no meio deles, disse: «A paz esteja convosco!». ²⁷Depois disse a Tomé: «Traz aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; traz a tua mão e mete-a no meu lado. E não sejas incrédulo, mas crente». ²⁸Tomé respondeu-lheⁿ: «Meu Senhor e meu Deus!»^o. ²⁹Disse-lhe Jesus: «Porque me viste, acreditaste! Felizes os que acreditam sem terem visto!».

ⁱ O testemunho sobre o Ressuscitado é antes de mais uma experiência pessoal (*vi*) e só depois um anúncio. O verbo *anunciar* que rege os dois momentos sublinha a sua indissociabilidade.

^j *Do lugar* é acrescento da tradução.

^k *Deles* é acrescento da tradução, tal como no v.26.

^l É o mesmo Jesus (como denotam as chagas), mas a sua presença é diferente (entra estando as portas fechadas). Na comunidade dominical, Ele ocupa o lugar central e, nela, continua a dirigir a palavra aos seus discípulos e a conceder-lhes a paz e o dom do Espírito Santo (cf. 19,30 nota), para serem mediadores do perdão, com que Ele, *Cordeiro de Deus*, tira o pecado do mundo (1,29.36). Tudo isto se atualiza nas assembleias dominicais de todos os tempos e lugares.

^m Cf. 11,16 nota.

ⁿ Lit.: *respondeu Tomé e disse-lhe*.

^o A mais explícita profissão de fé na natureza divina de Jesus. No entanto, Jesus não a valoriza, sublinhando que a fé não é acreditar no que se vê, mas acreditar sem ver. Este é o grande desafio feito ao leitor do evangelho: acreditar de acordo com o testemunho do Discípulo Amado (cf. 19,35; 20,31; 21,24s).

PRIMEIRA CONCLUSÃO DO EVANGELHO (20,30s)

³⁰Muitos outros sinais realizou Jesus diante dos seus discípulos, que não estão escritos neste livro. ³¹Estes, porém, foram escritos para que acrediteis^a que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, acreditando, tenhais a vida no seu nome^b.

EPÍLOGO A PRESENÇA DO RESSUSCITADO NA VIDA E MISSÃO DA IGREJA (21,1-23)

21 Aparição de Jesus junto ao mar de Tiberíades – ¹Depois disto, Jesus manifestou-se de novo aos discípulos, junto ao mar de Tiberíades. Manifestou-se deste modo: ²estavam juntos Simão Pedro, Tomé, chamado Gémeo^c, Natanael, de Caná da Galileia, os dois filhos de Zebedeu e outros dois dos seus discípulos^d. ³Disse-lhes Simão Pedro: «Vou pescar». Eles disseram-lhe: «Nós também vamos contigo». Saíram e subiram para o barco, mas naquela noite não apanharam nada^e.

⁴Ao romper da manhã, Jesus estava de pé, na margem; os discípulos, porém, não sabiam que era Jesus. ⁵Disse-lhes, então, Jesus: «Rapazes^f, tendes alguma coisa para comer?». Eles responderam-lhe: «Não». ⁶Disse-lhes Ele: «Lançai a rede para a direita do barco e encontrareis». Eles lançaram-na e já nem a conseguiam puxar^g, por causa da quantidade de peixes.

⁷Então o discípulo, aquele que Jesus amava, disse a Pedro: «É o Senhor!». Quando Simão Pedro ouviu: «É o Senhor!», vestiu as vestes, pois estava despido, e lançou-se ao mar. ⁸Os outros discípulos foram no barco, arrastando a rede com os peixes, pois não estavam longe de terra, mas apenas a uns duzentos cúbitos^h.

O Ressuscitado alimenta os discípulos – ⁹Quando desceram para terra, viram um braseiro, com peixe em cima, e pão. ¹⁰Disse-lhes Jesus: «Trazei dos peixes que apa-

^a Cf. 19,35 nota.

^b A finalidade do livro é apresentar e exortar a uma reta cristologia: Jesus é *Messias* e *Filho de Deus*; aceitá-la é condição para garantir a unidade da comunidade (*vós*) e a participação na vida divina. Sobre *nome*, cf. 1,12 nota.

^c Cf. 11,16 nota.

^d Ao todo são sete, número que significa totalidade: representam toda a Igreja, de cuja missão pastoral, orientada por Pedro, se vai falar (cf. Mt 4,18-22par.).

^e A afirmação faz ecoar o episódio do chamamento dos discípulos em Lc 5,4(ss).

^f Ou *Filhinhos*. A pergunta, retórica, sublinha onde está o segredo de uma pesca (pastoral) bem sucedida: na obediência à palavra de Jesus.

^g O verbo traduzido por *puxar* também tem o significado de *atrair*, o que remete para a sua utilização em 12,32, onde Jesus prometera que, na sua morte e ressurreição, atrairia todos a si; por isso, as redes são atraídas para a margem, onde Ele se encontra.

^h C. 100 metros.

nhastes agora». ¹¹Então Simão Pedro subiu ao barcoⁱ e puxou a rede para terra, cheia de cento e cinquenta e três grandes peixes. E, apesar de serem tantos, a rede não se rompeu.

¹²Disse-lhes Jesus: «Vinde comer»^j. Mas nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: «Quem és Tu?», por saberem que era o Senhor. ¹³Jesus veio^k, tomou o pão e deu-lho, e fez o mesmo com o peixe. ¹⁴Esta foi a terceira vez que Jesus se manifestou aos discípulos, depois de ter ressuscitado dos mortos.

Missão de Pedro e do Discípulo Amado – ¹⁵Após terem comido^l, Jesus perguntou a Simão Pedro: «Simão, filho de João, amas-me tu mais do que estes?». Ele respondeu-lhe: «Sim, Senhor, Tu sabes que sou teu amigo». Disse-lhe Jesus^m: «Apascenta os meus cordeiros». ¹⁶Perguntou-lhe de novo, pela segunda vez: «Simão, filho de João, tu amas-me?». Ele respondeu-lhe: «Sim, Senhor, Tu sabes que sou teu amigo». Disse-lhe Jesus: «Pastorea as minhas ovelhas». ¹⁷Perguntou-lhe pela terceira vez: «Simão, filho de João, tu és meu amigo?». Pedro entristeceu-se por Jesus lhe ter perguntado pela terceira vezⁿ «tu és meu amigo?» e respondeu-lhe: «Senhor, Tu sabes tudo; Tu bem sabes que sou teu amigo!». Disse-lhe Jesus: «Apascenta as minhas ovelhas. ¹⁸Em verdade, em verdade^o te digo: quando eras mais novo, a ti mesmo te cingias e andavas por onde querias; mas, quando envelheceres, estenderás as tuas mãos e outro te cingirá e levará para onde não queres». ¹⁹Disse isto assinalando com que género de morte Pedro haveria de dar glória a Deus. E, dito isto, disse-lhe: «Segue-me»^p.

²⁰Ao voltar-se, Pedro viu que o seguia o discípulo que Jesus amava^q, aquele que na ceia se reclinara sobre o peito de Jesus^r e lhe perguntara: «Senhor, quem é aquele que te vai entregar?». ²¹Ao vê-lo, Pedro disse a Jesus: «Senhor, que será dele?». ²²Jesus respondeu-lhe: «Se Eu quiser que ele permaneça até que Eu venha, que te importa? Tu, segue-me!». ²³Difundi-se, então, entre os irmãos o rumor de que aquele

ⁱ Ao barco é acrescento da tradução.

^j Ou *vinde almoçar*, ou ainda *vinde quebrar o jejum*: no tempo de Jesus, havia normalmente duas refeições, a primeira, a que se refere o texto, e o jantar. Tendo em conta os verbos e o texto seguinte, com um claro sabor eucarístico, este *quebrar o jejum* é também simbólico.

^k O verbo *vir* causa estranheza, visto que Jesus já estava presente; é provavelmente uma forma de invocar a sua vinda dominical, pois em 20,26 (cf. 20,19) é usado o mesmo verbo, especificando a *vinda* como eucarística.

^l Cf. 21,12 nota.

^m Jesus é acrescento da tradução, assim como no v. seguinte.

ⁿ Cf. 18,27 nota.

^o Lit.: *amén amén* (cf. Mt 5,18 nota).

^p Jesus entrega a Pedro a missão de apascentar, mas recorda-lhe o fundamental: *seguir-lo*, ser discípulo.

^q O pronome *o [seguia]* é acrescento da tradução, que mantém a ambiguidade do grego sobre a quem é que o Discípulo Amado seguia: Jesus ou Pedro? Mais uma vez, parece intencional: o Discípulo Amado, seguindo Pedro, incumbido do ministério pastoral, está a seguir Jesus.

^r Lit.: *dele*.

discípulo não morreria. Ora, Jesus não lhe disse que ele não morreria, mas sim: «Se Eu quiser que ele permaneça até que Eu venha, que te importa?»^a.

SEGUNDA CONCLUSÃO DO EVANGELHO (21,24S)

²⁴Este é o discípulo que dá testemunho destas coisas e que as escreveu^b, e sabemos^c que o seu testemunho é verdadeiro. ²⁵Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez; se fossem escritas uma por uma, considero que nem o próprio mundo poderia conter os livros que se escreveriam.

^a De facto, ele *permanece*, no testemunho transmitido, agora conservado em livro.

^b *Escreveu* no mesmo sentido causativo de 19,22: Pilatos não *escreveu*, mas *fez escrever*; o Discípulo Amado *fez escrever*, no sentido de estar na origem da tradição presente neste evangelho (cf. 13,23 nota).

^c Mais do que um pronome majestático, parece tratar-se de um *nós* comunitário (do escritor do evangelho e da sua comunidade, fundada pelo Discípulo Amado, e cuja fé assenta no testemunho por ele dado sobre tudo o que viu e ouviu).